

# ESEF

Escola Superior de Educação Física

JUNDIAÍ  
40 Anos

Apoio



ANS nº 32.650-0

# Créditos

*Pesquisa e edição:* **Mônica Tozetto de Barros Leite**

*Textos:* **Mônica Tozetto de Barros Leite e Adriano Celante**

*Marketing:* **André Luiz de Barros Leite**

*Produção Editorial e Gráfica:* **Laser Press Editora**

*Design e Diagramação:* **Eliézer Jeronimo e Alexandra Torricelli**

*Impressão:* **Gráfica Abreu Ltda.**

*Tiragem:* **2.000 exemplares**

**Ficha catalográfica**  
ESEF. Escola Superior de Educação Física  
de Jundiaí - 40 Anos.  
Jundiaí: Laser Press Editora, 2012.



# Diretoria

*Prefeito do Município de Jundiaí: Miguel Haddad*

**Diretor: Prof. Dr. Fernando Balbino**

**Vice-Diretor e Coordenador de Eventos: Prof. Dr. Davi Rodrigues Poit**

**Assessor e Coordenador da Pós-Graduação: Prof. Ms. Luiz Roberto Innocente**

**Coordenadora de Avaliação Institucional e Estágios: Profa. Dra. Maria Teresa Krahenbuhl Leitão**

**Coordenadora de Ensino: Profa. Dra. Graciele Massoli Rodrigues**

**Coordenadora de Extensão: Profa. Dra. Renata Costa Toledo Russo**

**Coordenação de Apoio Pedagógico ao Discente: Profa. Ms. Maria Carolina Pedroso Scoz**

**Coordenador do CEP: Prof. Ms. Cláudio Manuel Horta Duque**

**Coordenador de Pesquisa: Prof. Dr. Marcelo Conte**

**Administrador Público: Ricardo Alves Manacero**

**Secretária: Profa. Augusta Cristina Felix**

# ES

## Escola Superior de

### Índice

História aos poucos

7

Capítulo I

Esef, primeira década

10

Capítulo II

Consolidação

20

# EF

## e Educação Física

### Capítulo III

Uma nova Escola

28

### Capítulo IV

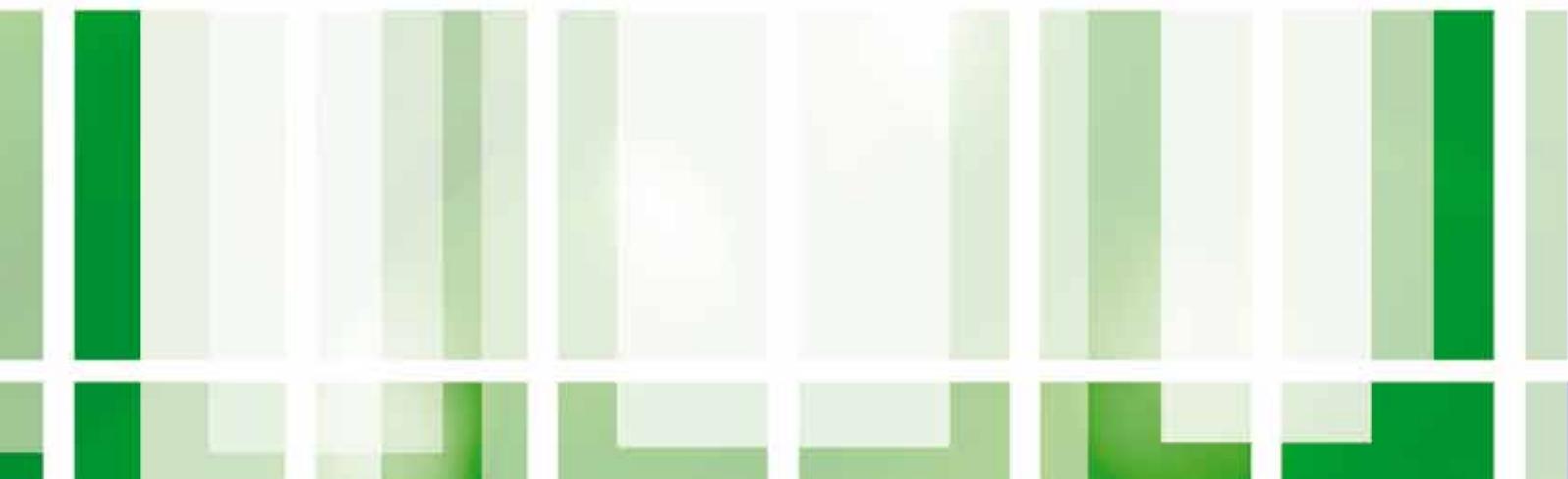
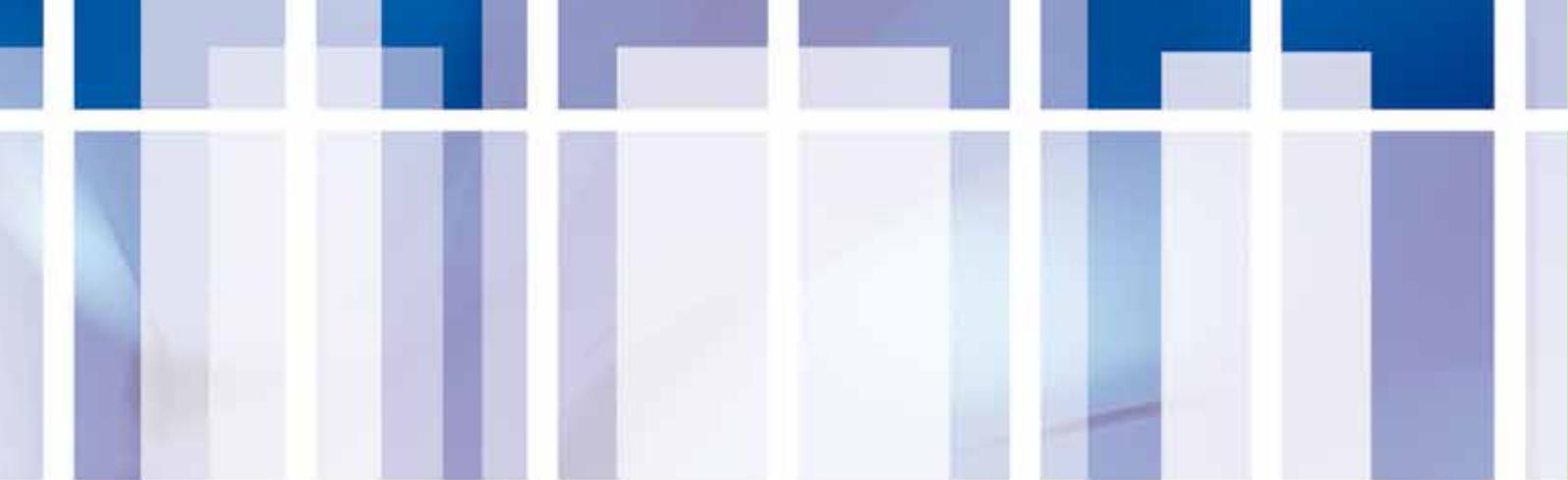
O segundo milênio

36

### Capítulo V

O futuro

52



# História aos poucos

Contar uma história, acima de tudo, é lançar um olhar sobre um determinado momento, sobre um personagem ou um acontecimento. Também o é deixar alguns de lado, abrir mão de um caminho em detrimento de outro. Por isso, grandes momentos da humanidade demoram para ser compreendidos, desvendados. Impossível conhecer tudo sobre o Império Romano lendo apenas um livro ou um autor, saber como foi a Segunda Guerra só pela visão dos americanos, ou entender a Era Vargas sem visitar inúmeras fontes.

A presente obra tem a intenção de falar sobre os 40 anos da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí. Sabemos, entretanto, que o assunto não se esgota com esta publicação. Existem fatos impossíveis de se registrar e temos a certeza que alguns momentos ficaram de fora. Inevitável que pessoas deixaram de ser ouvidas pelas inúmeras dificuldades do processo. Menos por nossa capacidade e mais pela maneira como um livro é construído. Levanta-se uma tese, uma ideia e segue-se o caminho, tendo o cuidado para pouco se desviar da rota. Mesmo sabendo de todas as dificuldades e que o trabalho findado resultará de um pequeno recorte de tantas contribuições que foram feitas por todos que aqui passaram, resolvemos correr os riscos e registrar tudo o que esteve ao nosso alcance.

Feita a ressalva, gostaríamos de falar da imensa honra e alegria de estarmos presentes nessa data. Afinal, são quatro décadas de muita dedicação, suor, lágrimas e de muita alegria que conseguiram à ESEF o status de uma das faculdades mais bem conceituadas do país. Não chegamos até aqui sozinhos, e, lendo este livro, fica evidente que jamais teríamos feito essa trilha de sucesso sem a presença de pessoas comprometidas com o futuro. A elas dedicamos esta história.

Ao completar quatro décadas de vida de uma entidade de ensino superior que marcou indelevelmente seu nome no cenário nacional e até internacional, se faz mister registrar momentos dessa vibrante história, afinal, não podemos pensar no futuro sem as lições e exemplos do passado.

Não comemoramos apenas nosso aniversário. São 40 anos de uma emocionante história focada sempre no melhor para os nossos alunos, professores, servidores e colaboradores. Esta obra é nossa maneira de agradecer a todos vocês. Muito obrigado!

*Fernando Balbino & Davi Rodrigues Poit*



O Centro de Atividades Pedagógicas e Motricidade Humana, inaugurado em 2004

## History in pieces

Telling a story is, above all, taking a look at a specified moment, about a specific character or a specific event. It is also leaving some aside, taking one road instead of another. For that reason, great moments of humanity take awhile to be fully comprehended or revealed. It is impossible to know everything about the Roman Empire by simply reading one book or one author, to know how World War II was, by only knowing the American perspective, or even understand the Vargas era, without visiting several sources.

This work intends to talk about the 40 years of the “Escola Superior de Educação Física de Jundiá.” We know, however, that the subject does not end with this publication. There are many facts which are impossible to be registered and we are sure that some moments will be left out. Inevitably some people were not heard due to the mere difficulties intrinsic to this process. Not so much for our capacity but much more due to the manner in this book was conceived. A thesis is raised and the path is followed, taking as little detours as possible. Even knowing all the difficulties and that the end result will only be a small clipping of all contributions that were made by everyone that once were here, we decided to run the risk of registering everything that was at our reach.

Taking all of into consideration, we would like to talk about the huge honor and happiness we feel for being present on this date. After all, it was four decades of a lot of dedication, sweat, tears and much happiness that trusted ESEF with status of one of the most reputable colleges in the country. We did not get here alone, and, by reading this book, it becomes evident that we would never have walked this trail of success without the presence of people committed with the future: we dedicate this story to them.

In completing four decades of life of an entity of superior education that marked its name unscratched in the national and international scenery, it is imperative to register the moments of its vibrant history. After all, we cannot think about the future without the lessons and examples of the past.

This is not simply an anniversary celebration. It's 40 years of an exciting history focused always on doing the best for our students, teachers, and employees. This book is our way of thanking all of you.

*Fernando Balbino & Davi Rodrigues Poit*

# ESEF, PRIMEIRA DÉCADA



Professor Nassib cumprimenta Moacyr, que realizaria a aula inaugural da ESEF, em 1974.



o início da década de 70, um grupo de aficionados pelo esporte na cidade acalentava o sonho de construir uma faculdade que formasse profissionais de Educação Física. Dentre os muitos nomes, estava o de Vicente Genovez, um dos grandes responsáveis pela movimentação das peças que culminariam na concretização do projeto. E foi durante um almoço no restaurante Parque da Uva, em 1971, que Genovez, conversando com o então prefeito Walmor Barbosa Martins, seu amigo pessoal, conseguiu a tão esperada promessa de criação da escola.

Conseguir o aval de Walmor, na verdade, parece que foi a parte mais fácil. O difícil seria todo o processo de concepção da escola, onde era necessário justificar sua importância e necessidade, itens que seriam severamente avaliados pelo Conselho Estadual de Educação na aprovação final. Genovez, já falecido, falou, em depoimento à revista de 35 anos da ESEF, que havia também outros problemas, como espaço para salas de aula, montagem da biblioteca e o fato de haver outra faculdade de Educação Física numa distância inferior a 100 quilômetros da cidade de Jundiaí. “Que desafio! Fomos inúmeras vezes para o Conselho Estadual de Educação, eu e a Sílvia Tayar, a primeira diretora da ESEF, para responder a inúmeros questionamentos. Foi tão exaustivo que em determinados momentos achei que o projeto não seria aprovado”, disse ele.

A ESEF foi autorizada a funcionar no dia 5 de julho de 1972. Foi criada como autarquia municipal, com o objetivo de formar professores de educação física e técnicos desportivos. Inicialmente, os cursos tinham três anos de duração. A exemplo de outras semelhantes no País, a de Jundiaí escolheu o modelo tecnicista, voltado para o esporte de rendimento, seguindo os ditames do regime militar que na época governava o Brasil. O grupo pretendia também utilizar os futuros professores em escolas municipais.

Apesar da anuência, a primeira aula só seria ministrada dois anos depois. A diretora Sílvia Tayar, nomeada no dia 9 de outubro de 1973, através da Portaria 339, mantinha contatos constantes com as autoridades estatais para apressar o funcionamento da ESEF. Em fevereiro de 1974, ela foi pessoalmente ao Palácio dos Bandeirantes para solicitar a assinatura do governador Laudo Natel para o estágio final, em Brasília.

*“Minha participação na ESEF começou já em sua criação, em 1972. Quando foi autorizado o funcionamento, em 1974, eu já era diretor. Antes, era vice. Apesar de ter a cadeira de professor de futebol, nunca cheguei a dar aula. Preferi não misturar direção e sala de aula. Uma grande lembrança que tenho foi o anúncio, no rádio, no jornal “A voz do Brasil”, do funcionamento da ESEF, também em julho. O começo foi muito difícil. As aulas eram embaixo das arquibancadas e em curva. Não tivemos tempo para preparar o material necessário. Nessa época, eu trabalhava no Palmeiras, como preparador do time e então, pedi que me fizessem um Espaldar Móvel. Consegui, também, junto ao Ministério da Educação, um gladiador, que existe até hoje. E assim, a escola foi funcionando. Nós tínhamos um problema na piscina, um vazamento. As aulas eram aos sábados e então, precisávamos enchê-la na sexta à noite. As carteiras que arrumei foram as dos primeiros alunos do Mobral, arrumadas para receber o presidente Emílio Garrastazu Médici, criador do sistema. A sala que recepcionou o presidente virou secretaria e os estofados que vieram para atendê-lo, ficaram na minha sala. A Faculdade de Medicina nos ajudou muito, cedendo espaço para as aulas de anatomia. Mas muita coisa eu consegui pelo meu bom relacionamento em Brasília, inclusive livros didáticos. Como diretor, eu era severo. Esse era o meu jeito. Gosto de levar as coisas a sério. Com 35 anos, estava no auge da minha carreira. Trouxe para a ESEF um método chamado Ginástica Desportiva Generalizada. Também trazia muita gente pra escola para dar palestras, inclusive nomes internacionais. Exigia bastante das turmas e também, acompanhava.*

*(Hélio Maffia)*

## Educação Física: Tudo pronto para os exames

Os candidatos interessados em prestar exames vestibulares para a Escola Superior de Educação Física de Jundiá, poderão procurar com a Diretora do estabelecimento, profa. Sílvia Tayar, a partir de segunda-feira próxima dia 18, na Secretaria da Educação, das 14 às 18 horas, a relação das disciplinas e os programas, a fim de que possam se preparar convenientemente.

Os exames deverão realizar-se no final deste mês ou nos primeiros dias de março.

# Vestibular

Em fevereiro do mesmo ano, o Jornal da Cidade trazia uma chamada para os primeiros exames vestibulares da ESEF, marcados para o dia 25 do mesmo mês. A escola oferecia 120 vagas. Na data estabelecida, sessenta candidatos compareceram. A autorização final, porém, veio no dia 19 de março, através do decreto 73.831, assinado pelo ex-presidente Emílio Garrastazu Médici e outro vestibular precisou ser realizado, dessa vez, em abril. Havia 75 inscritos. Finalmente, no dia 1º de julho, às 19h30, a primeira turma da Educação Física de Jundiá assentava os bancos para o início de uma grande aventura.

Apesar de estar em plena atividade, a aula inaugural da ESEF aconteceu somente no dia 18 de setembro, ministrada por Moacyr Expedito Vaz Guimarães, presidente do Egrégio Conselho Estadual de Educação e um dos responsáveis pela criação da escola.

Encerrando os acontecimentos do primeiro ano de funcionamento, o nome de Hélio Maffia é referendado, com 13 votos a zero, para ocupar o cargo de vice-diretor da ESEF.

*"Na década de 70, quando era supervisora regional do SESI, função na qual me aposentei, fui convidada para ser Secretária de Educação, Cultura e Assuntos Gerais, como então se chamava a secretaria, na gestão de Walmor Barbosa Martins. Nessa época, surgiu a ideia de se criar uma faculdade de Educação Física na cidade e eu montei todo o processo. Tive muito contato com o Conselho Estadual de Educação para fazer tudo dentro das normas, a fim de que a aprovação fosse certa. Tudo ficou pronto no último ano da gestão. Aí, levei o processo e eles disseram que estava certo. Eu perguntei: "Então, vocês vão aprovar?" E eles responderam que dependia da próxima gestão. Como estávamos em ano eleitoral, não sabíamos quem ia ganhar. Era um processo muito detalhado para aprovar e correr o risco da outra administração não concordar com a Faculdade. Ia ficar um negócio aprovado, que podia caducar. Fiquei muito triste, porque tive muito trabalho. Ibis Cruz foi eleito e no final das contas, o processo foi aprovado."*

*(Maria de Lourdes Potenza)*



Professores reunidos para a aula inaugural, que aconteceu no dia 18 de setembro de 1973. A diretora Sílvia Tayar, de preto, comanda o grupo.

# A caravana anda

Um total de 82 alunos deu início à turma de 1975, a segunda da faculdade. As tarefas para o trote – o primeiro da ESEF – foram organizadas pelo Diretório Acadêmico, incluindo diversão e trabalho social. No primeiro dia de aula, as alunas deveriam vir travestidas de homens e eles, de mulheres. A brincadeira teve direito a desfile nas passarelas do ginásio Nicolino de Lucca, com júri composto de professores. Os “bixos” deveriam doar, também, dez quilos de alimentos, que seriam entregues à Associação Protetora de Menores. Para fechar com chave de ouro o início do ano letivo, o DA organizou churrasco com futebol – inclusive feminino – e o “Baile do Bixo”, com animação da Banda Kripta.

Mas nem tudo foi alegria nesse segundo ano. Em 16 de junho, a diretora Silvia Tayar é exonerada. E, em julho, a faculdade, juntamente com outros mais de 350 cursos superiores, ficou ameaçada pelo Ministério da Educação de não realizar novos exames vestibulares por ainda não ter o reconhecimento do MEC. Para minimizar os problemas, Hélio Maffia assume, em caráter de emergência, o cargo de diretor. Nessa época, a faculdade tinha 122 alunos regularmente matriculados, com 17 professores qualificados. Mesmo com todos esses problemas, a ESEF anuncia, no final do ano, as inscrições para o vestibular de 1976.



O juramento da primeira turma



Escola Superior de Educação Física - Jundiá  
Formandos de 1970 - 1ª Turma  
Turma "Prof. José Carlos Bissoli"

*"Dei aula para as duas primeiras turmas da ESEF, na cadeira de Fisiologia do Esporte. De início, o perfil de alunos que procuravam a escola eram antigos atletas e dirigentes. Pessoas interessadas e com alguma relação com o esporte. Os alunos eram mais velhos e havia muita variedade. Isso fez com que a turma fosse muito heterogênea e foi necessário adaptar as informações. Também acabei trocando muita experiência com eles. Apesar da bagagem profissional, chegavam com informações erradas sobre dietas e traumas. Também pude trabalhar isso.*

*O primeiro ano da faculdade foi de troca de informações. Buscávamos sedimentar o currículo. Tivemos que recorrer à nossa inventividade. Sem contar que passávamos por problemas brasileiros, como a ditadura. A escola tinha três núcleos: o médico, que falava de anatomia, fisiologia e socorros de urgências. Depois, a pedagógica abrangia planos e métodos de aula e o núcleo esportivo, tanto prático como teórico. Foi acrescentado História da Educação Física e Psicologia.*

*No meu segundo ano na ESEF, ministrei Socorros e Urgências. Como era professor de Ortopedia da Faculdade de Medicina de Jundiá, fizemos uma troca de ofícios. Seleccionei alguns preceptores do sexto ano da FMJ, que monitoravam os alunos da ESEF em visitas ao Hospital São Vicente. Passavam o sábado todo lá, acompanhando cirurgias, gessos, raio X, parto. Funcionou muito bem e foi uma experiência enriquecedora para os alunos"*

**Luiz Felipe Westin  
Cabral de Vasconcelos**

"Me formei em Educação Física pela PUC, em 1974. Em 1976, fui convidado para ensinar futebol na ESEF. Estávamos todos começando e ninguém sabia muita coisa. Eu fui preparando as aulas de tal maneira que hoje, inclusive, estão virando livro. Fui evoluindo, pesquisando. Desenvolvia a teoria na ESEF e depois, treinava na prática com a criançada que eu ensinava no SESÃO. Tenho guardado os primeiros textos que fiz para as aulas, datilografados numa Olivetti. A evolução foi grande. Os últimos já estavam em slides. Eram onze temas, simbolizando as onze posições do futebol. Eu tinha uma maneira de dar aula que o que era combinado, não era caro. No primeiro dia, apresentava um cronograma, onde constavam aulas, trabalhos e provas. Nunca tive problemas disciplinares. Com a primeira turma que se formou, aprendi muito. Era um pessoal experiente, vivido no esporte. Trabalhei também com ótimos profissionais. Uma coisa boa que fazíamos eram pesquisas a fim de saber o que o mercado estava precisando. Depois, nos reuníamos e montávamos as aulas baseadas nos dados coletados. Achava complicado dar aula pra jogador profissional, porque eles pensavam que sabiam tudo. Mas lá o que aprendiam eram as regras e como passá-las para as crianças. Fiquei como professor da ESEF de 1976 a 2004. Dei aula de Futebol, Nataçãõ, Prática de Ensino, Metodologia do Treinamento. Passei por vários estágios, a começar debaixo da arquibancada. Quando tinha jogo, era impossível dar aula. E como a sala era curva, não enxergávamos os últimos alunos. Em dia de prova, todos queriam sentar na curva.

Passei duas temporadas como professor de Nataçãõ. A classe era grande, entre 70 e 80 alunos. Uma parte nadava, a outra se virava e uma outra tinha medo de por o pé na água. E eu tinha que passar noções do nado, pelo menos dos quatro necessários. Tudo isso em poucas aulas, numa piscina funda, gelada e nem um pouco pedagógica.

(Alaércio Borelli)

## Força total

Os problemas não desanimaram o grupo que batalhava pelo sucesso da Escola e em 1976 entraram com força total. Como era preciso prestar um exame de aptidão em esportes para ingresso, além das provas vestibulares, neste ano a ESEF ofereceu um cursinho preparatório para os inscritos, passando alguns conceitos básicos de handebol, voleibol, atletismo, basquetebol e ginástica.

O professor Hélio José Maffia, que assumiu a direção da faculdade em maio, anunciava que a ESEF não abandonaria a luta pelo processo de reconhecimento e o aumento de seus recursos pedagógicos, como a compra de projetores. Investindo cada vez mais na qualidade e diferenciação do Ensino, a escola trouxe, entre agosto e setembro, o professor francês Auguste Listello, preparador técnico e físico de seleções francesas, para ministrar o Curso Internacional de Educação Física Brasil-França. Com 30 horas/aula, abrangia amplos aspectos da organização e métodos de ensino, incluindo exposições teóricas e práticas.

Em novembro a escola realizou sua primeira Semana de Educação Física de Jundiaí, evento que deu origem ao Congresso de Educação Física, realizado até hoje. Com várias palestras e atividades, o encontro reuniu presenças de destaque, como o professor Moacir Datuto, na época diretor da Escola de Educação Física da USP e Antonio Carlos Moreno, então jogador da Seleção Brasileira de Voleibol.



Alunos e professores da primeira turma. De verde, o então diretor Hélio Maffia

# A primeira turma gradua-se

No dia 4 de janeiro de 1977, é realizada a solenidade de colação de grau da primeira turma da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, com 43 formandos. A turma "José Carlos Bissoli" teve como patrono Hélio José Maffia e paraninfos, Milton César e Maria Lúcia Faria de Barros.

No dia 20 de abril, a ESEF obtém sua primeira grande vitória: o reconhecimento no Conselho Estadual de Educação, o que significou, para os alunos já formados, que seus diplomas seriam assinados pelo MEC.

Esse ano foi bastante movimentado na escola, que recebeu visitas ilustres. Em maio, o ex-goleiro do Palmeiras, que jogou na Seleção Brasileira, Valdir Joaquim Pires de Moraes, que falou sobre "Treinamentos para goleiros". Em junho, na comemoração dos quatro anos de instalação da ESEF, uma presença que movimentou a cidade: o locutor Osmar Santos, que na época era chefe da equipe de esportes da Rádio Jovem Pan. Sua palestra abordou "Comunicação e Esportes". Finalmente, em agosto, uma participação internacional: o técnico norte-americano Dan R. Eddy, professor da Eastern Illinois University.

Inaugurando a parceria da ESEF com a comunidade, em outubro, cerca de 230 crianças, de seis orfanatos da cidade, participaram de atividades recreativas na Rua Barão de Jundiaí, sob orientação dos alunos do terceiro ano. No ano seguinte, o projeto se transformou nas Manhãs de Recreio, organizadas em vários pontos da cidade e que chegavam a reunir mais de mil e quinhentas pessoas.

*"O primeiro grande momento da ESEF foi sua implantação. Devemos ser gratos a um grupo de pessoas que passou pela direção da escola, figuras relevantes na cidade, de certa notoriedade. Foi por esse motivo que a escola conseguiu a aprovação e o respeito da comunidade para começar a funcionar.*

*(Fernando Balbino)*

O primeiro logotipo da ESEF, que faz uma referência ao Bolão, visto de cima.



*A Escola Superior de Educação Física de Jundiaí é uma autarquia municipal. Foi criada através da Lei Municipal nº 1913, de 5 de julho de 1972 e autorizada a sua instalação e funcionamento pelo decreto Federal nº 73.831, de 13 de março de 1974. Foi reconhecida pelo Conselho Federal de Educação através do parecer nº 266/77, de 20 de abril de 1977. Finalmente, foi reconhecida pelo Decreto Federal nº 80. 213, de 23 de agosto de 1977.*

# Projeto Rondon

Em 1978, a ESEF, através de alguns alunos, participou do Projeto Rondon. O primeiro estudante a ingressar nessa aventura foi Reinaldo Galvão de Melo, do 3º ano, que rumou para Cruzeiro do Sul, no Acre, às margens do Rio Juruá. Com 22 anos, o pernambucano queria conhecer melhor a situação brasileira. Ficou por lá durante um mês. Depois, foi a vez de outros, como Marlene Menegaglia e João Montecalvo, que ficaram 40 dias na mesma área.

No ano seguinte, a ESEF ganhou um fôlego novo, com a posse do vice-diretor Afonso Antonio Machado. Professor de voleibol da escola, entre seus objetivos estava um trabalho de ligação entre alunos, corpo docente e secretaria. O cargo estava vago há um ano, depois que Brasil Campos Júnior pediu demissão.

*"Lembro que nos primeiros anos de ESEF havia um pessoal mais maduro, muitos com mais de 50 anos, a maioria já casado, com filhos. O perfil era de quem já atuava na área, mas ainda não tinha um diploma. Na minha turma havia alguns treinadores, inclusive. Eles raramente faltavam à aula, estavam sempre presentes. Uma verdadeira família. A visão da Educação Física estava focada em aulas práticas. Alunos sem aptidão física não entravam. Nessa primeira fase, porém, os equipamentos tecnológicos eram escassos: uma televisão e um aparelho de som, que eram transportados em um carrinho, entre um professor e outro. Quando mais de um queria, era briga na certa. Dei aulas durante 30 anos, até assumir como diretor.*

*"A Educação Física mudou muito com o passar do tempo. Quando eu estava na faculdade, havia os exames práticos. Se você fosse brilhante e não tivesse habilidade, não entrava. Tínhamos provas de atletismo, natação, coordenação motora, agilidade, flexibilidade. Tinha que ser um pouco atleta. A linha era militar. Usávamos uniforme e o professor revistava-nos para saber se estava tudo certo. Lembro que certa feita comprei um tênis Adidas, com três listrinhas azuis e não pude usar. Tinha que ser tudo branco e limpo. Meias, shorts, camisetas brancos. Quando comecei a dar aula na ESEF, o perfil era esse e ficou assim até 82, 83. Mudou pela questão de direitos humanos, porque as pessoas que tinham problemas físicos não podiam participar".*

*(José Antonio Galego)*



O professor José Antonio Galego em início de carreira



## A fundação do Diretório Acadêmico

Com eleições marcadas para agosto de 1974, duas chapas disputaram a primeira direção do Diretório Acadêmico 5 de Julho. O presidente eleito foi Elliot Rehder Bittencourt. Entre os objetivos do DA, estava a discussão dos problemas da ESEF. Foram eles também os responsáveis pela escolha do uniforme, onde predominavam as cores azul claro e escuro. O primeiro distintivo levava as cores das bandeiras brasileira, paulista e de Jundiaí, com as iniciais da escola sobre os aros olímpicos.

## Primeiros docentes

Os alunos da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí tinham aulas de segunda a sexta feira, das 19h30 às 23 horas e aos sábados, na parte da tarde. O primeiro ano foi composto das seguintes disciplinas:

- **Biologia – Náercio Correa dos Santos**
- **Fisiologia – Luiz Felipe Westin Cabral de Vasconcelos**
- **Anatomia – Orlando Sebastião Garcia**
- **Psicologia da Educação – Maria Teresa Genovez**
- **História da Educação Física – Vicente Genovez**
- **Estudo dos Problemas Brasileiros – José Renato Nalini**
- **Voleibol – Vitório Angelo Durigatti**
- **Basquetebol – Flávio Bertola Facca**
- **Atletismo – Jurandir lenne**
- **Handebol – José Carlos Bissoli**
- **Ginástica masculina – Milton César Prado Silva**

## Professores e alunos

A união sempre foi marca forte na ESEF. Em setembro do primeiro ano de funcionamento, um time de futebol montado por professores e alunos da escola disputava um amistoso com a Sintofarma, no campo do Dal Santo, empatando o placar em 1x1. A equipe era formada por: professores – Zaparoli, Pascoal, Batista, Clóvis e Jughurta. Emerson e Bissoli. Beltrame, Buso, Paulinho e Val.

## I Olimpíada Universitária de Jundiaí

Entre 5 e 18 de outubro de 1975, foi realizada a I Olimpíada Universitária de Jundiaí, juntando os cursos de Economia, Medicina, Direito e Educação Física. A finalidade principal era entrosar os estudantes.

## MEDEF

Em outubro de 1977, a ESEF participou da 1ª MEDEF, uma disputa de tênis de mesa, xadrez e atletismo com os estudantes da faculdade de medicina.



Walmor Barbosa Martins (ex-prefeito) e Hélio Maffia (ex-diretor)

## MINHA PASSAGEM PELA ESEF

*Devo ao saudoso Professor NASSIB CURY a experiência prazerosa de vivenciar os primeiros anos da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí.*

*Ele já me propiciara o desafio pioneiro do magistério no glorioso Instituto de Educação Experimental "Jundiaí", onde respondi por aulas de Sociologia num curso de Aperfeiçoamento de Professores. Quando se instalou a ESEF, no Ginásio de Esportes "Dr. Nicolino de Lucca", tive contato com o universo daqueles que sabem cuidar do corpo, sem descuidar da mente.*

*Foi um período muito feliz. Os alunos eram companheiros, interessados, amistosos e afetivos. Convivi com eles e fiz muitos amigos. Ganhei até um apelido: "forame". Salvo engano, é o nome de um orifício e, inadvertidamente, fui com um sapato que ostentava um círculo fragilizado e que iria se tornar verdadeiro furo se não fosse submetido rapidamente às artes de um sapateiro.*

*Justamente eu, que sempre fora negação nos esportes – lembro-me de que nas aulas de Educação Física ministrada pelo Prof. Daniel Hehl Cardoso, eu só era escolhido para as pelepas porque senão havia o risco de não passar cola para os "capitães do time" – passei a passar bom tempo com os ases da atividade física.*

*Eram professores, a essa época, amigos queridos. José Carlos Bissoli, que conheci na infância, quando ambos éramos alunos da Escola Paroquial Francisco Telles, o grande Hélio José Maffia, legenda no esporte brasileiro. Reencontrei Luiz Philippe Westin Cabral de Vasconcellos. Mas também conheci gente nova, como a professora Maria Lúcia Faria de Barros e Elenir Vasconcellos.*

*Entre os alunos, alguns já eram amigos, como o meu colega de primário Mário Bampa, João Ernesto Chiorlin, ambos na mesma classe da Escola Paroquial. Do mesmo período, Glória Aparecida Martinelli Fagundes. E outros que fui colecionando no decorrer da vida: Luiz Geraldo Basile Lacerda, Elliot Rehder Bittencourt, Nathanael Silva Júnior, João Francisco Braz, Laura Beatriz Cayubi Bochino, Márcia Garcia Silva.*

*O clima entre alunos e professores era muito gostoso. Diferente das Faculdades de Direito. Havia encontros, churrascos, passeios. Companheirismo e convívio que só a atividade física pode propiciar, pois o esporte – muito além da competitividade – estimula a solidariedade. Ninguém chega sozinho ao êxito, pois depende dos demais companheiros de time. Essa é uma lição que se aprende para a vida toda.*

*Foi um período de que me lembro com saudades e penso que a ESEF deveria, de quando em vez, propiciar reencontros entre os ex-alunos e seus mestres, alguns dos quais, como eu, que muito mais aprenderam com as turmas do que conseguiram transmitir o escasso conhecimento de que era provido.*

*São Paulo, fevereiro de 2012.*

*José Renato Nalini*

## DÉCADA DE 1970

A Escola Superior de Educação Física de Jundiaí nasce, na década de 1970, em meio a uma significativa transição paradigmática da Educação Física brasileira. A tradição dessa pretensa área do conhecimento, que remontava a década de 1930, era fortemente influenciada pelo Movimento Ginástico Europeu (métodos sueco, alemão e francês), e guiada por uma concepção dualista e mecanicista de corpo, amparada em pressupostos anátomo-fisiológicos e com propósitos voltados para a aptidão física.

Essas práticas corporais, ainda com forte ranço eugenista, militarista e higienista são substituídas pelo Método Desportivo Generalizado, que constitui o critério sistematizador do conhecimento inerente à Educação Física. A partir da década de 1960, mas, sobretudo na década de 1970, esse método visava promover a “esportivização” da Educação Física brasileira, e o esporte era incorporado às práticas pedagógicas, principalmente sob o argumento de que a ludicidade, própria das manifestações esportivas, era pedagogicamente mais interessante que as práticas repetitivas da ginástica. Por outro lado, as atividades esportivas também eram consideradas relevantes para a melhoria da força de trabalho, quesito fundamental para o crescimento econômico brasileiro.

Nesse mesmo período, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. O Decreto nº. 69.450, de 1971 considerava a Educação Física uma atividade de que, por seus meios, processos e técnicas, buscava desenvolver e aprimorar forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando. O principal objetivo da Educação Física, portanto, passou a ser a iniciação esportiva, a partir de aulas diretivas – ainda voltadas para a repetição de tarefas sob o comando do professor –, tomando como referência o esporte de rendimento, e sem perder de vista a perspectiva da aptidão física e a concepção dualista e biológica de corpo.

O papel do professor de Educação Física se confundia com o papel do técnico esportivo, e a formação superior nessa área tinha como meta formar o professor para ministrar o esporte na escola, além de atuar como técnico esportivo junto a equipes de competição. Os currículos dos cursos de Educação Física, inclusive o da ESEF, conforme previa a Resolução CFE nº 69/69, tinham carga horária mínima de 1800 horas, a ser integralizada em três anos, outorgando o título de Licenciatura Plena – habilitação para atuar na escola – com complementação para obtenção do título de técnico esportivo. As disciplinas dos cursos eram classificadas em básicas, profissionais e pedagógicas, e as modalidades esportivas compunham o rol das disciplinas profissionais.

# Consolidação



Salas de aula: em curva e debaixo das arquibancadas, na década de 70.

A década de 1980 encontrou a Escola Superior de Educação Física crescendo, com o número cada vez maior de alunos interessados em seus currículos. A quarta turma recebia o diploma para ingressar no mercado de trabalho. Alguns cursos cujas modalidades eram as do momento aterrissavam por lá, como a formação Técnica de Ginástica Rítmica Desportiva, aplicada pela professora Maria Lúcia Faria de Barros, com duração de 210 horas e realização aos sábados. Turma lotada. Em abril de 1980, buscava-se um novo diretor para a faculdade. Em julho era anunciado nos jornais que Hélio Maffia e Afonso Machado seriam mantidos no cargo por mais quatro anos.

Nessa época, ainda era obrigatório, para assentar os bancos da escola, as provas práticas. Em 1981 os testes consistiam em nove exercícios desenvolvidos em forma de circuito, além de testes de basquete, vôlei, handebol, atletismo e ginástica. Eram exigidas qualidades físicas como impulsão, coordenação, flexibilidade, velocidade e destreza, bem como habilidades que envolviam o dribble, transpor barreiras, cambalhotas e saltos. Os professores verificavam o potencial de cada candidato, mas geralmente não havia tempo mínimo para realização das provas. A cada erro, porém, era preciso retornar ao exercício do começo, até conseguir atingir o limite estipulado. A justificativa para aplicação dos exames práticos era que serviriam como orientação para que os professores construíssem seus programas de atividades, desenvolvidos durante o ano letivo, com base nas reais qualidades dos estudantes.

Em sete anos de funcionamento, a escola ainda passava por muitos problemas, principalmente no que se referia ao espaço físico para as aulas teóricas. Isso sem contar que a piscina havia sido instalada há pouco tempo. Não se tinha condições de ampliar a biblioteca, faltavam salas de aula. Numa sala com capacidade para 35 alunos, era preciso acomodar 50. Também não havia lugar para guardar materiais como aparelhos de slides e mimiógrafos, usados então. E, local para palestras, nem pensar. Mesmo assim, em 1982, pela primeira vez na história, o número de candidatos foi superior ao de vagas. Para as 120 oferecidas, eram 250 candidatos. A escola definitivamente se consolidava e passava a ter cada vez mais credibilidade.

O ano foi repleto de atividades, a começar pela intensa participação da escola na Semana da Pátria, desfilando e acendendo o fogo simbólico, ao lado de representantes da sociedade, como Exército e Polícia Militar.

*"Dei aula na ESEF nos anos 80, na disciplina de Socorros e Urgências. Nessa época, a faculdade iniciava a prática esportiva na comunidade, deixando seu isolamento. As aulas aconteciam embaixo das escadarias do Bolão e, como a classe era grande, as classes eram divididas em duas turmas. Acredito que foi uma época importante, porque a faculdade estava crescendo. Havia sementes de desenvolvimento e a gente deslumbrava o futuro. Era um segundo momento da escola, prestes a passar para um terceiro. Sempre tive muita simpatia pela Educação Física, já que meu pai era militar e professor na área. Fui educado nesse meio e aprendi a andar de bicicleta na pista do Bolão. Saí de lá com muito pesar. Até hoje as duas escolas – ESEF e FMJ – têm projetos em comum"*

*(Itibagy da Rocha Machado)*

Com uma série de palestras, a ESEF realizou, em setembro, a Semana da Educação Física, no antigo Centro das Artes. Em outubro, foi a vez do 1º Festival de Ginástica e Dança da ESEFJ (como era intitulada), com demonstrações de ginástica rítmica e de solo, dança moderna e jazz. Participaram cerca de 350 alunos da faculdade. O objetivo do evento era mostrar as modalidades à comunidade, além de demonstrar o excelente nível técnico da escola.

Também em 1982, sob coordenação do professor Afonso Machado, acontece o 1º Projeto Voleibol, desenvolvido pelos alunos do 2º ano da escola, junto às crianças da comunidade. Com o trabalho, foi possível descobrir novos talentos na cidade, além de determinar categorias e nível dos participantes, que ultrapassaram 700.

No ano seguinte, novamente o número de candidatos supera as vagas, permanecendo alguns em filas de espera. Em março a ESEF tem eleições para o diretório acadêmico, com duas chapas concorrendo: ETE – Esporte, Trabalho e Educação e a Bem Te Vi, ambas formadas por alunos dos três anos letivos, mas com estudantes do segundo ano em seus cargos principais. Ganhou a Bem Te Vi.

Provando que o tema estava em franco crescimento, acontece, em abril de 1983, o 1º Simpósio de Educação Física de Jundiaí, promovido pela Coordenadoria de Recreação e Esportes do Município – CREM.

Um fato inusitado marca 1983. Até então, apenas professores do sexo masculino poderiam lecionar para meninos. Nesse ano, porém, a Secretaria Municipal de Educação começou um movimento com a finalidade de acabar com essa discriminação. Nas escolas particulares, professoras já ministravam aulas para garotos. Houve alguma polêmica em torno do tema, mas o resultado final culmina com a opção de três mulheres por classes masculinas.

José Carlos Bissoli é o diretor da escola em 1985. Nesse ano, a aula inaugural conta com todos os professores e como convidado, Milton César Prado da Silveira, doutor em Ciências na área da Educação Física e titular da cadeira de Metodologia da OSEC. Ele proferiu a palestra “Educação Física – Arte e Ciência”.

Em agosto do mesmo ano, por sentir necessidade de dar maior ênfase ao aspecto da educação física de base, a ESEF promove, entre 26 e 30, um curso de Educação Física Infantil, destinado a alunos e professores. Participaram mais de 500 pessoas.

*“O segundo grande momento da faculdade foi a mudança da matriz curricular, que se deu ali pelos idos de 89. Essa aprovação deixava a ESEF em pé de igualdade com qualquer outra escola do Brasil, transformando-a numa das melhores do País, na minha concepção. A consequência desse passo foi uma transformação acadêmica, contando com disciplinas de ponta. Chega uma nova safra de professores, através de concurso público, inclusive muitos ex-alunos, como Wanderlei Seregati, Wagner Roberto da Silva, Teresa Leitão e Davi Poit. Alguns já davam aulas esporádicas, mas tornaram-se efetivos da casa. A faculdade passa de um curso mais técnico, voltado para o esporte e com um ranço militarista, para uma Educação Física humanizada, dirigida ao ser humano e à qualidade de vida.*

**(Fernando Balbino)**

# Novo currículo

A ESEF termina a década estudando seus currículos para reestruturação completa dos cursos. A nova grade, que entraria em vigor nos anos 90, passaria de três para quatro anos, além da criação das opções de bacharelado ou licenciatura em Educação Física, de acordo com a resolução número 3, de 16 de junho de 1987, que fixou os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nestes cursos.

O movimento era geral em todo o País. Prova disso é que o diretor José Carlos Bissoli participou, em 1987, do Encontro de Diretores de Escolas de Formação de Professores de Educação Física no Brasil. O evento reuniu 94 responsáveis e serviu para estudar as primeiras medidas para a implantação no novo currículo escolar.

Os objetivos da reestruturação eram vários. A começar da possibilidade de aquisição integrada de conhecimento e técnicas que permitiriam a atuação dos profissionais nos campos de educação escolar, pré-escolar, 1º, 2º e 3º graus e não escolar, como academias, clubes, centros comunitários e esportivos. Pre-

*"Entrei como professor de Biologia, numa transição entre os diretores Nassib e Maffia. O curso ainda estava se organizando e a ementa da Biologia era meio conflituosa. Mas fomos crescendo juntos com o curso, montando a base para dar assistência às disciplinas de Fisiologia e Anatomia. Fiquei lá durante três anos, embaixo da escada do Bolão. Apesar do barulho, era gostoso, porque o aluno tinha um perfil diferente. Era mais tranquilo.*

*Quando entrei, havia um movimento de resgatar a Educação Física do pré-conceito de que para ser professor da área não tinha que estudar muito. O aluno tinha que saber muito de anatomia, fisiologia e biologia. E o curso tem esse grau de excelência até hoje."*

**(Evandro Grioles)**

A primeira biblioteca, também embaixo das arquibancadas, na década de 70.



*"Em 1984, foi criada a disciplina de Futebol Feminino. Tive algumas dificuldades nessa época, porque as meninas dançam bem, fazem boa ginástica, mas quando colocavam uma bola no pé, era um desastre. As aulas eram separadas, porque começávamos do zero com elas. Havia casos de meninas que não queriam participar. Ali pelo ano 2000, as turmas já jogavam juntas, porque as mulheres tinham o mesmo entendimento que os homens. Hoje tenho muitas ex-alunas técnicas de futebol infantil."*  
(Alaércio Borelli)

tendia também desenvolver atitudes éticas, reflexivas, críticas, inovadoras e democráticas, aprofundando áreas de conhecimento de interesse e aptidão do aluno, além de estimular o aperfeiçoamento e propiciar a autorealização do estudante como profissional e ser humano.

O novo currículo seria dividido em duas partes: formação geral, relativa às áreas humanísticas e técnicas e de aprofundamento de conhecimento, visando atender aos interesses dos alunos, de acordo com a peculiaridade de cada região. Isso ficaria a critério de cada instituição de ensino superior.

O curso passaria a ter graduação mínima de quatro anos, compreendendo uma carga horária de 2.880 horas-aula. O estágio curricular seria obrigatório nas duas áreas de graduação, com apresentação de uma monografia como trabalho de conclusão de curso. O prazo para a introdução dessa nova estrutura deveria ser efetuado no máximo dentro de dois anos, sendo que em Jundiaí só seria implantado em 1989.

Com essas resoluções, o aluno poderia escolher entre ser um professor somente de escola ou se preferisse, durante os quatro anos, poderia aperfeiçoar-se numa técnica desportiva, criando condições para o novo profissional ser mais setorizado. Mesmo com todos esses avanços, a ESEF enfrentaria problemas pela precariedade de seu espaço físico.



Alunas nas arquibancadas do Bolão

# Erro de redação quase embarga projeto

Em 1988, o então prefeito municipal de Jundiaí André Benassi, através do projeto número 4474, autorizava a contratação de um empréstimo com a Caixa Econômica Federal para implantação de escola profissionalizante. Na verdade, o objetivo real era a construção de um prédio para a Escola Superior de Educação Física.

Corrigido o erro, em abril de 1988 o então secretário de obras do município, Ademir Pedro Victor, mostrava o projeto aos alunos, que consistia no desenvolvimento de três pavimentos ao lado da quadra recentemente coberta. A construção, assim que liberada, prometia ser rápida, baseada em pré-moldados. O prefeito chega a visitar a faculdade para assinar a sanção da lei.

Em 1988, a faculdade já tinha formado 12 turmas, colocando 700 profissionais no mercado. Em junho, José Carlos Bissoli entrega o cargo, depois de quatro anos na direção. Nassib Cury é o novo diretor da ESEF.

Nassib havia sido um dos formuladores dos estatutos da escola em 1976 e era professor desde então, lecionando Sociologia e Problemas Brasileiros. Ele prometia muito trabalho e continuidade nos projetos do antecessor. Na pauta principal, a construção, mais breve possível, do novo prédio. Teve como vice Vicente Genovez, que havia participado da Comissão de Estudos para implantação da faculdade.

Com um novo currículo, a escola passa a funcionar também de manhã, mas os projetos de construção são interrompidos. Nassib fica no cargo até 1992. Apesar de tentar algumas saídas para uma nova casa para a escola, seu mandato é encerrado embaixo das arquibancadas do Bolão.

*"Entrei na ESEF em 1982 e trabalhei lá durante 30 anos. Como sempre fui atleta, já conhecia a escola e tinha contato com alunos desde a primeira turma. No começo, o foco era mais na área esportiva e a formação de professores. Para entrar, prestei concurso e comecei como auxiliar administrativo. A ESEF sempre me abriu portas. Como tinha parado de estudar, me senti incentivada a retomar. Com apoio dos colegas, me formei em Educação Física na PUCC, porque a ESEF só tinha um horário e era aquele em que eu trabalhava. Me lembro que comparava as duas escolas e a ESEF superava a PUCC em qualidade.*

*Quando entrei, a ESEF era restrita ao Bolão e tinha que dividir a área esportiva com a cidade. Mas nem por isso deixou de formar grandes profissionais. Éramos apenas cinco funcionários e havia muito trabalho. Os alunos, nos anos 80, entravam um pouco mais velhos aqui. Mas estavam bem direcionados, gostavam das aulas e estudavam muito. Eram dedicados. Hoje chegam com outra postura, muita informação e menos definições. Mudou-se o perfil."*

*(Sonia Magali Martelo)*

"Fiz o primeiro ano de Educação Física em São Paulo e depois vim para a ESEF em 1982, quando fui transferido para o 12º GAC. Quando cheguei, era um ilustre desconhecido, além de ser militar quando ainda estávamos na ditadura. Mas fui um aluno rigorosamente normal, me destacando em algumas disciplinas, principalmente pela capacidade física. Lembro perfeitamente das salas de aula. O engraçado é que as pessoas só falam das dificuldades hoje, quando encontram comodidade. Na época, era muito natural e não chegou a me causar nenhum trauma ou problema de aprendizagem. O que é verdadeiro, e todo mundo fala, é que muitas vezes tinha jogos no Bolão e estávamos embaixo da arquibancada. Em algumas situações, se tornou inviável ter aula. Mas acredito que até isso fazia parte do nosso currículo, porque o bom aluno, nessas situações, podia ter contato com modalidades como basquete, voleibol e futsal, conhecendo técnicos e bons atletas. Isso ajudava também na formação.

Em 1984, assim que formei na ESEF, a escola lançou um curso de Especialização de dois anos em Voleibol. Fiz o curso e na sequência, em 1986, fiz uma pós graduação em Didática do Ensino Superior. Em 1988, já estava de volta à faculdade, como professor. Vim a convite de Nassib Cury para ser adjunto do professor de judô, Saito, que já estava em final de carreira.

Sua aula era bem tranquila, zen, com menos atividades do que os alunos gostariam. Lembro que ficava ao lado dele, querendo ajudar mas não ajudava muito, porque ele tomava conta da aula. Quando ele começou a faltar, tive minhas primeiras aulas com o grupo, que foram especiais. Eu estava muito motivado e isso contagiava. A partir daí, me tornei o titular da disciplina de Ataque e Defesa.

Eu estava muito animado com as aulas e preocupado ao mesmo tempo, por pensar estar começando algo novo. Percebi, porém, que isso não era verdade. Já dava aulas de Caratê e na função de tenente do exército, passava instruções o dia todo. Logo nas primeiras turmas descobri que era cotado como bom professor. Na segunda turma fui escolhido patrono e na terceira, parainfo. Ser professor universitário era minha praia. O fato de ser militar nunca atrapalhou, gerava até brincadeiras e descontrações. Mas claro que levei para a sala de aula algumas características militares. Era muito mais rigoroso que hoje. Na minha disciplina não havia possibilidade de um aluno chegar atrasado. E, numa aula prática de Ataque e Defesa, nem pensar em usar relógio ou correntinha. Na época, eu era impecável nesse sentido."

(Davi Poit)



## DÉCADA DE 1980

A década de 1980 pode ser considerada um divisor de águas para a Educação Física brasileira. Algumas correntes teóricas como a Psicomotricidade e a Aprendizagem Motora inauguravam uma discussão mais densa sobre corpo e movimento. Fundamentada na psicologia desenvolvimentista, a Aprendizagem Motora trazia uma concepção de corpo articulada com as esferas do comportamento, ou seja, aspectos cognitivos, sociais, motores e afetivos. Sem abandonar os conteúdos esportivos, a Educação Física passa a olhar para o desenvolvimento da lateralidade, da coordenação motora, da percepção e do equilíbrio, além da ênfase nos processos de aquisição de habilidades motoras.

Os métodos de ensino deixavam de ser totalmente diretivos, impulsionados pelos questionamentos acerca do papel educativo da Educação Física na escola. As primeiras produções acadêmicas da Educação Física apontavam para novas tendências na área, e é nesse cenário que o professor João Paulo Subirá Medina (1982) propõe que a Educação Física brasileira precisava entrar em crise para, posteriormente, constituir sua nova identidade. Vale ressaltar que nesse período o país passava por um processo de redemocratização, e às recém-criadas organizações da sociedade civil, assim como entidades estudantis, sindicais e partidárias, agregavam-se setores do meio acadêmico, reconhecidos pelas suas características progressistas.

É nesse período, também, que se efetivam os primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física (iniciados na USP, em 1977), que professores brasileiros retornam ao país após doutorarem-se no exterior, que ganham força as primeiras entidades científicas (iniciadas pelo CBCE, criado em 1978), fazendo crescer o debate acadêmico verificado tanto em congressos, como nas publicações em livros e revistas especializadas. Foi durante o final da década de 1980 que germinaram as principais abordagens pedagógicas da Educação Física escolar, inauguradas pela publicação do livro "Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista", no ano de 1988, seguida pelo livro "Educação de corpo inteiro", em 1989, representando as abordagens desenvolvimentista e construtivista, respectivamente. A formação superior também sofreu inúmeras críticas, e a Resolução CFE 03/1987 apresentava uma nova perspectiva para o profissional de Educação Física, a partir da distinção entre licenciatura e bacharelado.

No entanto, apesar de muitos avanços, tais como a ampliação da carga horária para 2.880 horas, e do período de integralização para quatro anos, além do estabelecimento de quatro áreas do conhecimento a serem contempladas durante a formação (conhecimento filosófico, conhecimento do ser humano, conhecimento da sociedade, conhecimento técnico), com ênfase nos saberes humanísticos, a formação do licenciado e do bacharel, por uma questão meramente mercadológica fundiu-se num único curso de quatro anos, negligenciando as particularidades das diferentes áreas de intervenção. Na ESEF, as adequações exigidas pelas novas diretrizes vigoraram a partir do ano de 1990.

# Uma nova Escola



O então diretor José Antonio Galego inspeciona as obras, na década de 90.

E

m 1991, perto de 350 candidatos disputam 120 vagas: sessenta para o período diurno e 60 para o noturno. Desses, 150 foram classificados para a prova prática, que ainda existia. Nessa época, havia estudos para a mudança da escola para o prédio da Argos, que estava sendo adaptado para projetos de educação. Conclui-se, no entanto, que a alternativa não era viável e a ESEF estava novamente na estaca zero para instalar-se num local adequado.

Em 1997, a dupla Luiz Antonio Galego (diretor) e Fernando Balbino (vice), assume as rédeas da escola. Um arco-íris de acontecimentos aventava no horizonte, simbolizando a chegada de uma nova era para a Escola Superior de Educação Física de Jundiá.

Visando a reciclagem de profissionais, a ESEF realiza o 1º Encontro Paulista de Educação Física, com a participação de mais de 300 pessoas. Em agosto desse mesmo ano, a faculdade abre as portas para alunos de todo o País, com seu primeiro curso de Extensão Universitária. Os temas iniciais foram "Atividades tecno-pedagógicas", "Práticas inovadoras" e "Educação Física escolar – uma nova abordagem".

Inaugurando o que seria uma das características mais fortes da dupla Galego-Balbino, a ESEF lança um projeto de natação para crianças, o Nadar, em parceria com a CREM e APAN – Associação de Pais e Amigos da Natação. No início, cerca de 20 crianças participam.

Nesse mesmo ano, também em parceria com a CREM, a ESEF desenvolve aulas voltadas para deficientes, já que no calendário do terceiro ano da faculda-

*"Participei da eleição para vice-diretor em 1996, concorrendo com nove professores. Eu era o mais jovem. Na época, o então prefeito André Benassi me chamou e disse: Fernando, eu estou chamando o Galego (Antonio) para diretor porque acredito muito no potencial dele como educador e você, que tem a missão de, como sangue novo, trazer inovação, mudança para a escola. Abandonei minhas outras atividades e fui me direcionando para a vida acadêmica. Concluí o doutorado e fiquei na função de professor e vice-diretor durante oito anos. Foi uma grande experiência que vivi ao lado do Galego. A escola passava pela grande virada de se tornar um centro acadêmico e eu pude ajudar a implementar aquilo que era realmente necessário para que o curso se tornasse algo sério, relevante, uma escola de verdade.*

*(Fernando Balbino)*



Diretor e vice, José Antonio Galego e Fernando Balbino

*"Quando a ESEF fez um novo concurso, nos anos 90, prestei para a disciplina de "Administração e Organização na Educação Física. Fui aprovado. Assumi as aulas e foram cerca de 17 anos de muito sucesso. Os alunos organizavam os eventos e eu incentivava muito a criatividade. Fizeram Pebolim Humano, Raftanic, Guerra no Chantilly. Era divertido, mas ao mesmo tempo, eles cumpriam todos os preceitos exigidos na disciplina. Passei também por outras disciplinas, como Desportos Não Formais, Temas Educacionais, Jogos de Salão e Práticas de Ensino*

*(Davi Poit)*

de constava a disciplina Educação Física Especial. As primeiras são o basquete em cadeira de rodas.

Sob coordenação do atual vice-diretor da escola, Davi Poit, a faculdade retoma o projeto "Conheça a ESEF", voltado para os alunos que estavam se formando no segundo grau. Apesar de ser uma prática comum, nas mãos de Poit ganhou organização e dinamismo. No primeiro ano que ele cuidou do acontecimento, mais de 500 estudantes compareceram. Hoje o "Conheça a ESEF" é agendado antecipadamente pelos interessados.

## Novas salas e mais qualidade de vida

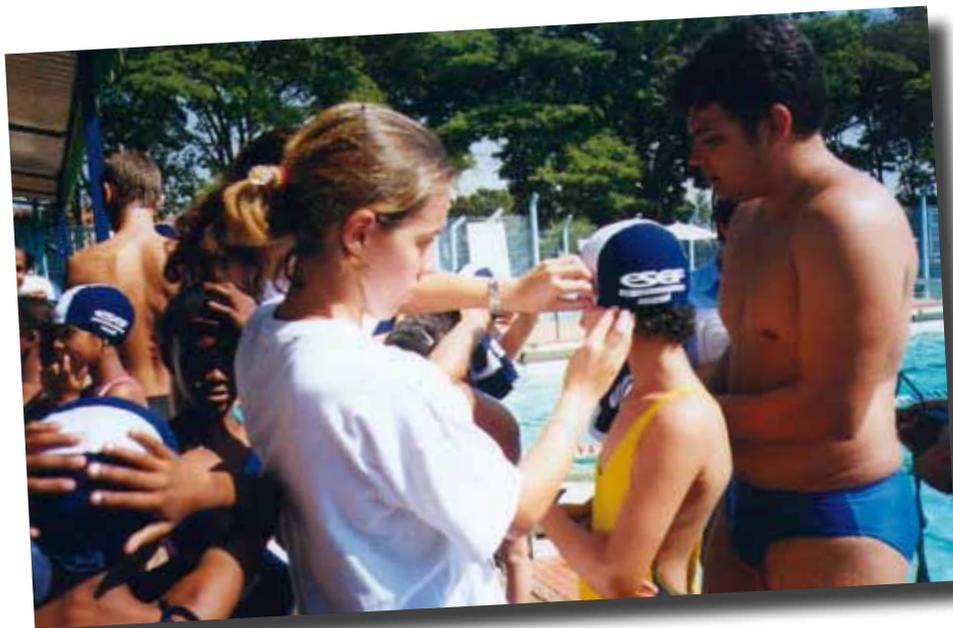
Em maio de 1998, a ESEF anunciava dois projetos para melhorar a qualidade de vida da comunidade, ambos coordenados por professores da escola. O de Reeducação Alimentar tinha como objetivo mostrar uma alimentação saudável e seria destinado a qualquer um que tivesse interesse, gratuitamente e sob coordenação pelo professor Luiz Roberto Innocente. O de "Avaliação Física na Pista de Atletismo" orientava a prática de esportes. Além disso, foram iniciados trabalhos como Educação do Movimento, Cidade Saudável e Contra a LER. Além de contribuir com a comunidade, essas iniciativas aprimoravam a prática dos futuros profissionais. Em dois anos de trabalho, mais de 1500 pessoas já ha-



O professor Davi Poit com uma das turmas de "Administração e Organização na Educação Física"

viam passado pelos programas da ESEF. Atuavam na coordenação das atividades a professora Renata Russo, professor Wagner Roberto da Silva e Vanderlei Seregati.

O dia 5 de junho de 1998 ficará nos anais da faculdade talvez como o mais importante. Nessa data, Luiz Antonio Galego inaugurava quatro novas salas de aula, além de dois sanitários, hall de entrada e secretaria. Duas salas foram construídas com recursos próprios da escola e as demais, com verbas da Pre-



*"Depois de formada, fiquei trabalhando na Prefeitura, dando aulas de tênis. Acabei me envolvendo com o esporte adaptado para deficientes físicos. Particpei da criação do PEAMA e comecei a me especializar na área. Em 1998 prestei um concurso aqui na ESEF para a disciplina de tênis. Nessa época estava terminando o mestrado. A experiência foi muito enriquecedora, porque consegui desmistificar muita coisa. A modalidade era tida como elitista, difícil de ser aplicada, com poucos locais de prática. As pessoas acreditavam que para jogar tênis, era preciso ter condições diferenciadas. Isso foi mudando com a minha disciplina. Vários alunos vieram trabalhar comigo depois disso, como monitores e hoje, muitos são professores de tênis e abriram academia. Dos profissionais que atuam no tênis na cidade, 90% saíram da ESEF. A visão mudou, o material já não é tão caro. E dá pra jogar em qualquer lugar: num hotel, na praia, no navio, no parque e na rua.*

**(Teresa Leitão)**



Alunos da ESEF com crianças da comunidade no Projeto Nadar, na década de 90.

*"Quando eu assumi a direção, em 1997, a escola estava falida. A gente controlava até papel higiênico. Fomos procurar o prefeito, na época Miguel Haddad e expusemos a situação. Ele nos respondeu que a escola não era viável. Mas nós não nos demos por vencidos. Estávamos assumindo, eu e o Fernando e íamos fazer tudo que fosse necessário para viabilizar o projeto. Criamos o período diurno, passando para quatro turmas ao invés de duas, inauguramos outros cursos e começamos a crescer. Dois anos depois avisamos o prefeito que não queríamos mais a verba, porque já éramos auto-suficientes.*

*"Antes do final do primeiro mandato, já tínhamos um prédio novo, com quatro salas de aula, uma sala de TV e vídeo. Em seguida, começamos a construção do prédio administrativo, com biblioteca, sala de professor, DA. Sozinhos, com dinheiro da própria faculdade. Equipamos com a tecnologia necessária. Hoje tem tudo que as melhores faculdades do Brasil podem oferecer em conforto para aulas teóricas e práticas.*

*(José Antonio Galego)*

feitura. Nessa época, a ESEF contava com 400 alunos, nos períodos matutino e noturno.

O ano foi enriquecido ainda com uma série de cursos voltados ao aprimoramento da área. A Jornada de Educação Física foi um deles, direcionada a professores e profissionais do esporte e segmentos afins. Entre os temas abordados, "A Educação Física e os Materiais Alternativos" e "A Nutrição e Melhores Rendimentos Esportivos".

A busca constante pela qualidade total culminou na implantação da ISO 9000. No final de 1998, eram realizadas palestras para professores e funcionários, com o objetivo de melhorar o atendimento prestado interna e externamente.

A ESEF encerra o ano de 1998 com chave de ouro, anunciando sua primeira pós-graduação, desenvolvida pela equipe de professores da faculdade. O curso era na área da Motricidade Humana, com 360 horas de duração. Além disso, a escola consegue liberar mais 40 vagas para o próximo período letivo, ampliando o número de alunos de 120 para 160, 80 pela manhã e 80 à noite.

A Escola Superior de Educação Física mudou totalmente seu perfil com a nova diretoria. De acordo com depoimentos de José Antonio Galego, o princi-



O diretor José Antonio Galego inaugura o primeiro prédio da ESEF, em 1998.

pal aspecto dessa mudança se caracterizava pela introdução do trabalho junto à comunidade. "Além de prestar serviço à população de Jundiaí, a faculdade colocava seus alunos em contato com a prática profissional através dos projetos", declarou.

A escola encerra a década anunciando, em fevereiro, concorrência para construção de novos prédios. A obra deveria estar concluída em nove meses. As obras tiveram início em julho, com recursos próprios da autarquia. Num espaço de 1.200 metros seriam instalados secretaria, biblioteca, anfiteatro para 100 lugares, laboratórios, coordenação, salas de Fisiologia, pós-graduação, setor jurídico, lanchonete e claro, salas para o diretor e vice. O montante financeiro para bancar o projeto veio do apoio de alguns parceiros e de recursos provenientes dos cursos de pós-graduação.

A escola anunciava, ainda, mais cursos de pós-graduação: Educação Física Escolar, Natação e Voleibol, além da Faculdade de Educa o Física na Terceira Idade, um programa de extensão-universitária para pessoas com mais de 40 anos.   importante frisar que o corpo docente da ESEF na quase totalidade era formada por mestres e doutores. Para comemorar todos esses feitos, a faculdade lança seu 1  Congresso de Educa o Física, de caráter científico.

*"Dei aula na ESEF durante dois anos e meio, na disciplina de Socorros e Urgências. Fui jogadora de basquete e me formei em Fisioterapia em Piracicaba. Acabei trabalhando como fisioterapeuta da Sele o Brasileira de Basquete, uma experiência que levei para minhas aulas. Foi muito interessante, porque, como atuava na reabilita o esportiva, pude passar um pouco para eles as lesões do esporte, como socorrer um atleta machucado e colocá-lo em quadra novamente, por exemplo.*

*(Marisia Lebeis)*



Os funcionários trabalham confortavelmente no novo prédio administrativo

"Escolhi a Educação Física meio que por acaso. Meu irmão já cursava a ESEF e eu fui seguindo seus passos. Na época, eu pedalava e participava de competições de bike. Fazia parte da equipe de ciclismo de Jundiá. Estreei, em 1991, no currículo novo, de quatro anos. Era uma renovação, mas ainda no prédio antigo. Apesar da infra-estrutura no espaço atual, a gente gostava do primeiro. Era menor e a gente tinha aquele sentido de família. Saíamos sempre aos sábados, depois das aulas.

Minha ideia inicial era a especialização em preparação física, porque ajudava nessa área com as bikes. Tudo mudou quando comecei a frequentar as aulas do professor José Antonio Galego, de recreação. Gostei do fato de que brincar não era banal, era algo importante. Me ofereci como voluntário para eventos e estou nisso até hoje, como professor do Colégio Divino Salvador e também, com uma empresa de recreação. Também gostava muito da área social. Na época da faculdade, montamos um curso de natação para atender crianças do entorno."

**(Miguel Cardoso do Lago)**



**Semana da Pátria**



**Projeto Nadar**

## DÉCADA DE 1990

Com uma nova proposta curricular, a ESEF irrompe a década de 1990 em meio a uma proeminente produção acadêmica da área. Iniciado na década de 1980, o debate acadêmico sobre o conhecimento específico da Educação Física e seu papel na escola se acirrava, e a maior parte das publicações referentes às abordagens pedagógicas da Educação Física escolar, principalmente as fundamentadas nas ciências sociais, ocorre na década de 1990 (Abordagem Sistêmica – 1991; Abordagem Crítico-Superadora – 1992; Abordagem Cultural – 1995).

Por outro lado, esse período foi caracterizado por um crescente aumento do número de cursos de Educação Física no Brasil, principalmente na rede privada de ensino, em função de uma grande demanda por profissionais na área não-escolar (bacharelado). Como eram poucos os cursos de bacharelado no país, normalmente em instituições públicas, os cursos de licenciatura do ensino privado não apenas proliferaram, mas, principalmente, “incharam” para atender à demanda do mercado. Nesse sentido houve um retrocesso à lógica da Resolução CFE nº 69/69, que tratava o professor de Educação Física e o Técnico Esportivo numa mesma formação.

No entanto, os cursos de Educação Física da década de 1990 foram obrigados a formar, além do Licenciado em Educação Física e do Técnico Esportivo, o Professor de Academia (profissional do fitness), que exigia um conhecimento bastante especializado. A crise de identidade parecia não abandonar a Educação Física, e a formação profissional ficou aprisionada entre a necessidade de formar um egresso genérico, capaz de atuar em vários segmentos do mercado de trabalho – segmentos que ampliavam e se diversificavam intensamente –, mas sem especificidade em nenhum desses segmentos, tampouco a escola, apesar da outorga do título de Licenciado em Educação Física.

Nesse sentido, apesar da expressiva produção acadêmica na área da Educação Física escolar, havia um grande hiato entre a universidade e a escola, visto que a universidade pública era majoritária na produção do conhecimento e minoritária na formação de professores, enquanto que as instituições privadas, responsáveis pela formação de um maior volume de professores, mantinha um currículo demasiado genérico. E com o crescente aumento da demanda para o mercado do bacharel, assim como das publicações técnicas e científicas nessa área, o curso de licenciatura em Educação Física perdeu sua identidade, e as disciplinas de cunho humanístico e pedagógico deram espaço às disciplinas técnicas, mas dessa vez não voltadas exclusivamente ao esporte, mas para o treinamento resistido, para a ginástica de academia e temas dessa natureza.

Nesse contexto a ESEF resistia na formação de profissionais de Educação Física promovendo frequentes ajustes no seu currículo de modo a garantir, minimamente, a formação do professor de Educação Física para intervir na educação escolarizada, sem fechar os olhos para as outras áreas de atuação profissional. Em 1996 é sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e em 1998, a Lei 9.696 cria o Conselho Federal de Educação Física, que regulamenta e legitima o “Profissional de Educação Física”, exigindo a formação especializada desse profissional.

# O segundo milênio



Acendimento do fogo simbólico da Semana da Pátria: tradição na faculdade.

Com 460 alunos, sendo 60 da pós-graduação, a ESEF abre o segundo milênio inaugurando o bloco administrativo, com secretaria, sala de estudos, biblioteca, anfiteatro, departamento jurídico, sala de pós graduação, laboratório de avaliação humana, sanitários entre outras acomodações. O novo espaço compreendia, em um único local, tudo que a ESEF sempre sonhara.

Os projetos continuam. Em 2001, a ESEF firma parceria com o FUNSS para beneficiar 500 crianças carentes com aulas de natação, artes marciais, atletismo e Educação Física Infantil. A comunidade contava ainda com a Faculdade da Melhor Idade, Projeto LER e atividades para alunos especiais. Em quatro anos da administração José Antonio Galego, 500 alunos da graduação e 100 da pós-graduação desenvolveram 15 projetos de extensão, além de criar três grupos de estudos na área de pesquisa.

Numa parceria com a Prefeitura, a ESEF entrega para Jundiaí mais uma piscina, que ampliaria a oferta de projetos voltados à comunidade e qualidade de vida.

*"Fui convidado para dar aula na ESEF em 2000, substituindo o professor José Antonio Galego nas aulas de recreação, disciplina em que eu vinha me especializando. No começo, estranhei um pouco o fato de dar aulas onde estudei. Mas fui acolhido por todos os professores de forma carinhosa. Eles se sentiam orgulhosos por terem alguém da casa. Senti uma certa dificuldade porque, na minha disciplina, os alunos achavam que era um momento de diversão. Precisava mostrar pra eles que brincar era coisa séria."*

*(Miguel Cardoso do Lago)*



Alunos descerram placas alusivas às turmas, na inauguração do novo prédio

## Celebrando os 30 anos

*"Por ter ficado trinta anos na faculdade, passei por muitos diretores e cada um teve sua característica. Todos tiveram momentos positivos e foram, cada um à sua maneira, extremamente devotados à escola. O Maffia, com a implantação, o reconhecimento e o contato com os órgãos fiscalizadores. Depois veio o Galego, que construiu a escola fisicamente. E o Fernando, que é um transformador. Trouxe para a escola um excelente nível pedagógico, novos cursos, ideias, extensão. Fez com que a escola fosse mais conhecida na comunidade. A ESEF parece que é um pouco de cada um que passou por lá, coisa de família. Tem muita afetividade entre funcionários, alunos e professores. É pra vida toda."*

**(Sonia Magali Martelo)**

Em 30 anos de funcionamento, a escola já tinha formado 1650 alunos. Para celebrar o feito, a ESEF anuncia a construção de um complexo esportivo, adaptado a deficientes físicos. Declara também que utilizaria os resultados do ENEM na aprovação e ingresso dos novos estudantes.

Em 2004, pela primeira vez, a escola realiza uma aula inaugural unindo seus alunos na Sala Glória Rocha. O evento contou com a presença dos professores Jocimar Daólio e Adriano Rogério Celante, de grande destaque na área, respeitados internacionalmente.

Ainda neste ano a escola, que está na sua quarta edição dos cursos de pós-graduação, recebe grandes nomes do tênis, como Glaucia Langela e Vanessa Menga, para falar sobre a "Evolução do Tênis nos últimos 10 anos".

Mas, com certeza, o grande acontecimento do ano se deu no dia 7 de agosto, quando a escola inaugurou o Centro de Atividades Pedagógicas e Motricidade Humana, com 2.500 metros quadrados. O espaço seria destinado ao desenvolvimento de projetos voltados às crianças carentes, portadores de deficiência física e terceira idade. Ganhou também salas de aula, pós-graduação, atendimento médico, artes marciais, laboratório de Biomecânica, sanitários, vestiários, almoxarifado, depósitos e arquivos. O Centro foi construído ao lado da antiga piscina, que passou por reformas e recebeu aquecimento.



Professores, alunos e funcionários reunidos para as comemorações dos 35 anos. José Antonio Galego, ao microfone, era o diretor

# Nova safra

Em 2005, depois de um trabalho memorável, José Antonio Galego entrega o cargo para Fernando Balbino, com Teresa Leitão como vice-diretora. Em maio, na avaliação do ENADE, a ESEF classifica-se em 2º lugar entre as escolas públicas do Brasil, sendo galgada a uma posição merecida, refletindo um trabalho de qualidade, dedicação e profissionalismo.

Os projetos não param de surgir. Em julho de 2005, Prefeitura e ESEF firmam parceria para que os alunos pudessem cumprir seu período de estágio dentro de centros esportivos, com atividades ministradas por profissionais renomados no Esporte. Os 30 estudantes liberados ganhariam ainda um salário mínimo de ajuda.

Para avaliar projetos pedagógicos envolvendo a saúde, a ESEF cria o Comitê de Ética, requerido junto ao Ministério da Saúde, em Brasília e aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde. O grupo multidisciplinar seria responsável pelo desenvolvimento de trabalhos em relação aos direitos humanos e bioética.

*"No segundo mandato, pensamos em ocupar o outro lado da rua. A piscina era aquecida, mas estava abandonada. Tinha trinca, vazava água, as crianças pulavam lá à noite, defecavam. Era um horror. Arrumamos a piscina olímpica para uso da comunidade e ficamos com a velha. Daí, construímos um prédio novo, com academia, laboratório, salas de aula, anatomia. Hoje tem tudo lá e atendemos toda a população com projetos sociais.*

*Nós colocamos o coração na administração, principalmente com os funcionários. E eles são extremamente generosos com quem está na direção, amam o que fazem. Tivemos muita sorte, mas procuramos dar o maior conforto possível para todos que trabalham e estudam na ESEF."*

*(José Antonio Galego)*



Na Semana da Pátria



As novas instalações da ESEF





O fogo simbólico abre as comemorações da Semana da Pátria

# Depoimento Fernando Balbino

*"Sou licenciado em Educação Física pela UNESP de Rio Claro, mas sempre tive um vínculo muito forte com o esporte na cidade. Comecei aos 11 anos, no atletismo, pelas mãos do técnico Atílio Denardi Alegre. Tive uma breve passagem pelo basquete e, por fim, parti para as quadras de voleibol, onde fiquei por 18 anos. Joguei por Jundiaí, Rio Claro, Limeira e Itatiba. Essa experiência foi uma grande oportunidade para entender o esporte, lutar por um objetivo, negociar, conversar e respeitar o limite do outro. Isso foi fundamental para a minha formação e história de vida.*

*A influência do meu primeiro técnico foi determinante para a escolha da minha profissão. Nos anos que passei em Rio Claro, além da licenciatura em Educação Física, joguei pelo time de voleibol da cidade. Foi lá também que dei início à carreira de professor, como treinador do esporte que praticava. Logo após a faculdade fiz um mestrado em Filosofia da Educação, em Piracicaba e prestei concurso na ESEF. Passei e voltei para Jundiaí, em 1992. Entre a carreira de professor universitário e aulas em colégios da cidade, fui compondo minha história profissional.*

*Nunca abandonei a sala de aula, até para não perder a mão, o contato com o aluno. Acho fundamental entender realmente o estudante, que muda de um ano para outro. A sociedade muda, os jovens são diferentes hoje do que eram outrora. Acredito na proximidade.*

*Tínhamos demanda, alunos interessados e um corpo docente preparado, dentro de uma grade curricular com disciplinas importantíssimas para a Educação Física. Mas não tínhamos casa. Esse é o terceiro momento da ESEF. E o professor Galego, enquanto diretor da escola, é o grande responsável pela construção dos prédios que constituem a faculdade. A história tem que ser justa com ele. Contamos também com a ajuda do Júlio Lamarca, que era diretor de Esportes na época. Ele trouxe a equipe de voleibol feminino dos Leites Nestlé para a cidade e o fato de usarmos o espaço debaixo das arquibancadas conflitava com essa vinda. Isso favoreceu o início das obras, que começou com a construção de duas salas com verbas da Prefeitura e mais duas, por conta da faculdade. A construção começou entre 97 e 98 e nunca mais parou. Em toda sua gestão, a cada dois anos Galego inaugurava algum espaço. Foram oito anos de construção.*

*Outro fator que aumentou o respeito pela faculdade foi o fato de abrimos as portas para a comunidade. Deixamos de nos encastelar e levamos o aluno para fora, com inúmeros projetos. Buscávamos uma Educação Física mais pé no chão, sem tantos discursos. Porque não adianta ficar discursando em sala de aula se o aluno não consegue minimamente desenvolver sua atividade profissional. Esse é o grande quarto momento da ESEF. Atualmente vários professores fazem o trabalho de mostrar a "verdadeira" Educação Física para nossos universitários, mas é preciso destacar o incansável trabalho dos professores Wagner e Vanderlei.*

*Chego como diretor pelo anseio de um grupo. A eleição foi disputada, a faculdade estava polarizada. Havia um grupo com muita vontade de transformar a ESEF numa escola de dedicação dos professores, tornar a faculdade um lugar de extensão e pesquisa. Quando assumi, ampliei a possibilidade de projetos e envolvimento com a comunidade. Eu trabalhei por uma faculdade com ensino, pesquisa e extensão, o que é chamado de tripé do ensino superior. Acredito que hoje seja o que nos diferencia e nos torna extremamente procurados a cada ano.*

*Em sala de aula mantenho uma postura ética, de respeito, amizade e tranquilidade. Mas não deixo que o cargo de diretor influencie. E não é por estar num cargo de comando que se deva tratar as pessoas de cima para baixo. É preciso haver troca. Essa é minha maneira de lidar com a vida. Acredito no ser humano e procuro não enxergar o outro como adversário. Na liderança, todos devem planejar e caminhar na mesma direção, acertar arestas. Meu trâmite é tranquilo, mas sou muito firme nas situações que extrapolam o bom senso. Podemos ter opiniões diferentes, desde que todos trabalhem e sejam dedicados.*

**(Fernando Balbino)**



O atual diretor Balbino, em dois momentos: com alunos e o vice Poit e com Vicente Genovez



## ANOS 2000

Comparada à década anterior, a década de 2000 presenciou uma apatia acadêmica na Educação Física escolar, enquanto que em outras áreas, principalmente relacionadas às ciências biológicas e à saúde, a produção foi bastante expressiva. Enquanto as políticas públicas apontavam para uma grande reforma na educação básica e no ensino superior, fruto da LDBEN de 1996, os currículos dos cursos de Educação Física e a intervenção pedagógica em Educação Física escolar não apresentavam grandes mudanças. No ano de 1997, com base no Parecer 776/97 foi nomeada uma Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física (COESP/EF) que deveria, entre outras coisas, discutir e elaborar novas diretrizes para a área, em substituição à Resolução 03/87.

A nova proposta foi concluída em 1999, e apesar de expressar mudanças necessárias e urgentes, abalizadas pelas discussões mais recentes na área, ficou aguardando a aprovação do CNE, que nunca aconteceu. Enquanto isso, à revelia da Educação Física, discutia-se novas diretrizes para os cursos de licenciatura, de maneira geral. O Parecer 009/2001, que versava sobre a formação de professores para atuar na Educação Básica, a partir de cursos de licenciatura, em nível superior, acaba fundamentado outros documentos, que culminam na Resolução CNE-CP 001, de 18 de fevereiro de 2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

Esse documento mobiliza os cursos superiores de Educação Física a reverem seus currículos e fazerem as devidas alterações até o ano de 2004. Ocorre, mais uma vez, a cisão entre licenciatura e bacharelado, no entanto, agora de forma mais efetiva. A referida resolução é comum a todos os cursos de licenciatura, ou seja, caracteriza, orienta e institui o que deve ser feito na formação de professores, independente da sua especificidade. Essa proposta, em tese, aproximaria a Educação Física da escola, e reestabeleceria uma identidade própria do licenciado, assim como o perfil do egresso que atuaria naquele componente curricular. Contudo, não estava claro o que diferenciaria a formação do licenciado em relação ao bacharel, uma vez que não havia diretrizes para o bacharelado, e a proposta contida no documento da COESP/EF não estava em vigor. Muitas instituições atrasaram ao máximo as suas mudanças curriculares na esperança de que as diretrizes do bacharelado fossem aprovadas.

Somente em 2004 a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, por meio da Resolução n. 7/2004. Não havia como voltar, instituía-se a separação entre licenciatura e bacharelado, que deveria atender às diferentes diretrizes e formar a partir de dois cursos distintos, apesar de muita coisa em comum. A ESEF, pelo fato de estar vinculada ao Conselho Estadual de Educação, conseguiu postergar um pouco mais as mudanças efetivas, mas no ano de 2007 coexistiam na instituição três currículos distintos, a antiga licenciatura e os dois novos cursos. Passados mais de cinco anos desde a implantação dos novos currículos, a ESEF reavalia a formação dos seus egressos em função das novas demandas do século XXI.

# Corpo Administrativo em 2012



Luciana Baldo, Augusta Cristina Felix, Gil Camargo Adolpho, Jorge Luiz Ramos, Luis Felipe de Araújo, Maria Zenilda Gomes, Itamar dos Santos Vital, Cristina Aparecida Pansarim, Valdemar Constantino, Rita de Cássia Bertolino, Renilda Aroucha do Nascimento Ribeiro, Irmo de Paula, Michelle de Fátima Gaiotto Pinto, Cidinéia Coutinho da Silva Mendonça, Márcio Russi Vieira, Isaac Lourenço Buhnemann, Henrique José Bocanera, Eva Maria da Costa, Eliana de Souza, Vitor Fontana, Daniela Fernanda Bodo, Luiz Antonio Romani, Maria de Fátima Alves Maia, Davi Rodrigues Poit, Fernando Balbino, Janete Alves dos Santos Schiavo, Ricardo Alves Manacero, Alzira Aguilera Araújo.



Júlio Cesar  
da Silva



José Mário  
Bianchi

## Um lugar na história

Ao comemorar os 40 anos, a ESEF buscou lembrar de pessoas que de alguma maneira também ajudaram a escrever essa história, que obviamente, não termina aqui. Pelo contrario. Deve prosseguir de forma ainda mais dinâmica e rumo a um futuro cada vez mais intenso. Nessa e nas páginas que seguem buscamos mostrar aqueles que estão conosco nesse momento, em julho de 2012, no epicentro dessas 4 décadas. A eles prestamos nossas homenagens, com a certeza que também estamos fazendo a história.

# Corpo Docente em 2012



Prof. Ms. Adriano Celante



Prof. Ms. Claudio Duque



Profa. Esp. Elenir Vasconcellos



Prof. Dr. Davi Poit



Profa. Dra. Graciele Rodrigues



Prof. Ms. Luiz Roberto



Prof. Dr. José Ari Carletti



Profa. Ms. Maria Carolina Scoz



Prof. Ms. Olival do Lago



Prof. Esp. Nestor Mostério



Profa. Dra. Renata Russo



Prof. Ms. Wagner Silva



Prof. Ms. Vanderlei Seregati



Profa. Ms. Bettina Ried



Prof. Dr. Fernando Balbino



Prof. Dr. Marcelo Conte



Prof. Dr. Pedro Lemos



Prof. Dr. Daniel Presato



Prof. Esp. José Galego



Profa. Dra. Maria Teresa



Profa. Esp. Rita Orsi

# Corpo Discente em 2012

Turmas Matutino



1º Semestre A



1º Semestre B

# Turmas Matutino



3º Semestre A



5º Semestre A - Bacharelado



7º Semestre A - Bacharelado

# Turmas Noturno



1º Semestre C



1º Semestre D



3º Semestre B

# Turmas Noturno



5º Semestre B - Licenciatura



5º Semestre C - Bacharelado



7º Semestre B - Bacharelado

# O futuro



O renomado Milton Leite na abertura do Congresso de 2010

A Escola Superior de Educação Física entra no futuro pelas mãos de Fernando Balbino como diretor e Davi Poit como vice. O NECED – Núcleo de Estudos em Crescimento e Desenvolvimento é oficializado. Seu objetivo principal é fornecer apoio à pesquisa na área de crescimento e desenvolvimento a partir de estudos desenvolvidos por profissionais de Educação Física e áreas afins. O grupo, numa parceria com a Secretaria de Educação, é formado por alunos e professores da ESEF, e tem também a finalidade de desenvolver pesquisas junto às crianças da rede municipal.

Aterrissam na faculdade novos cursos de pós-graduação, como Administração e Marketing Esportivo. Outros projetos chegam, Ginástica Laboral, Ergonomia e Programas de Qualidade de Vida nas Empresas. Sob o comando de Davi Poit, é criado o Grupo de Pesquisas e Estudos em Gestão do Esporte. O jornalista Milton Leite faz a abertura do 5º Congresso de Educação Física, que já é um sucesso.

Em agosto de 2010, ESEF e FMJ assinam um convênio para realizar pesquisas em Ciências da Saúde. O objetivo é viabilizar a produção de informações na área, promover capacitação de recursos humanos e materiais, bem como usar a estrutura física das instituições. Na pauta também, a realização de cursos para alunos das duas faculdades.

Quarenta anos depois da assinatura do decreto que instituiu a Escola Superior de Educação Física, a cidade de Jundiaí pode se orgulhar por ter em suas terras uma das melhores faculdades do Brasil. Uma escola que se preocupou em mudar, se modernizar, tanto em sua estrutura como em seu corpo docente. Valorizou seus profissionais e abriu um leque de opções para toda a comunidade. Transformou a maneira de pensar dos alunos.

*"A ESEF hoje é uma escola completa, com uma variedade de professores de várias tendências e um lado humano muito forte, permeado de inúmeras experiências"*

**(José Antonio Galego)**

*"O Congresso tem uma grande importância e chegou com a última fase. Por aqui passaram – e ainda passam – os maiores nomes da Educação Física do Brasil e do mundo. Nossos alunos têm oportunidade de estudar temas diversificados e de entender um momento mais acadêmico, científico. Atualmente, o Congresso tem a coordenação de Davi Poit e Luiz Roberto Innocente.*

**(Fernando Balbino)**



**Coordenadores: Maria Carolina Scoz, Graciele M. Rodrigues, Renata Toledo Russo, Maria Teresa Leitão, Davi Rodrigues Poit, Luiz Roberto Innocente, Fernando Balbino e Marcelo Conte.**

*"A pós-graduação, sob coordenação atualmente do professor Luiz Roberto Innocente, significou para a ESEF uma abertura para todo o Brasil. Funcionando um final de semana por mês, conseguimos atrair alunos de Brasília, Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Alguns cursos foram inéditos, como Tênis e Handebol. Temos a figura do professor convidado, inclusive, para que o participante tenha oportunidade de ver conteúdos com professores diferentes.*

*Na ESEF, o professor que for buscar titulação, como mestrado ou doutorado, tem uma ajuda financeira de 70%. Esse auxílio abarca também o funcionário que quer concluir o ensino superior. É um estímulo para o outro avançar. A escola conta com um grupo de servidores dedicados, preparados e envolvidos para que tudo funcione. É uma engrenagem bem azeitada, uma equipe formidável, que faz acontecer. O resultado final aparece na formação do aluno. É preciso um professor crítico, que questione e um funcionário atento, que abra espaço antes que se peça para ele.*

*Acredito muito no serviço público de qualidade, embora a gente viva coisas muito ruins, como órgãos públicos que não funcionam, funcionários que não estão presentes. Mas essa escola é pública e é uma das melhores faculdades de Educação Física do Brasil. Se nós conseguimos, todos conseguem. Acredito no País, na população, na cultura. Fazemos parte de um processo de transformação. E como podemos contribuir? Se doando por uma causa.*

*Estou no meu segundo mandato como diretor. Na minha primeira gestão estive ao lado de Teresa Leitão, que foi muito importante para a consolidação dos projetos com a comunidade. Ela ajudou muito a escola na evolução do corpo administrativo, ajudou os funcionários a entenderem suas funções. E agora, com o Poit, estamos tendo um trabalho alinhado. O Davi é determinado, organizado e extremamente presente. Não aceita o lugar comum e se percebe que algo não está funcionando, se incomoda e luta pra avançar.*

*Um bom diretor, na minha avaliação, em qualquer escola, é aquele que tem uma boa formação acadêmica ou pedagógica e também é um bom administrador. Uma coisa não funciona sem a outra. Vale destacar a excelente qualidade dos professores, coordenadores e funcionários desta escola.*

**(FERNANDO BALBINO)**

*"Em 2009, comecei meu trabalho como vice-diretor. A experiência está sendo muito boa, acima das minhas expectativas. A eleição, em qualquer lugar, é uma disputa de cargo. E sempre há um estremecimento quando as pessoas estão brigando por um espaço que só cabe um. Na época, éramos seis ou sete candidatos. Houve uma preocupação naquele momento, mas, quando começamos o trabalho, eu e o Fernando (Balbino, diretor), decidimos trabalhar em conjunto, ignorar as divergências. Estamos fazendo aquilo pelo que nos comprometemos.*

*(Davi Poit)*



**Professores, funcionários e alunos na abertura do 4º Congresso de Educação Física**



*A ESEF, na minha opinião, é a melhor do País, porque só foca Educação Física. Se preocupou em mudar, em se modernizar. A evolução fica bastante aparente também na estrutura física, da qual participei desde o início. Saímos de uma sala meia lua e estranha para um local com sala de aula, lousa boa, iluminação, mesa para o professor adequada, biblioteca excelente, informática. Num projeto arrojado, o professor Galego transformou a escola. E o Fernando está atualizando a parte didática.*

*(Alaércio Borelli)*

*"Na primeira gestão do Fernando Balbino, fiquei como vice-diretora. Já havia concluído o doutorado, estava bastante envolvida nos projetos de extensão da faculdade. A pós-graduação de Tênis, criada aqui na ESEF e coordenada por mim, foi a primeira do Brasil e tem recebido alunos de todo o País. Foram quatro anos de muita experiência. Aprendi bastante e contei com o apoio de todos. Era algo completamente diferente daquilo que eu estava acostumada. Trabalho burocrático, papeladas e leis. Nessa época fizemos uma divisão não formal e eu cuidava da parte pedagógica, envolvendo a capacitação dos profissionais.*

*(Teresa Leitão)*

# Agradecimentos

## Entrevistados

- Alaércio Borelli, é secretário de Esportes da Prefeitura Municipal de Jundiá.
- Davi Poit, vice-diretor da ESEF.
- Luiz Felipe Westin Cabral de Vasconcelos, é professor de Ortopedia da Faculdade de Medicina de Jundiá.
- Fernando Balbino, diretor da ESEF
- Hélio Maffia, ex-diretor.
- Itibagy da Rocha Machado, é diretor da Faculdade de Medicina de Jundiá.
- José Antonio Galego, ex- diretor da ESEF.
- Maria de Lourdes Potenza, ex-secretária de Educação, Cultura e Assuntos Gerais da Prefeitura de Jundiá.
- Marisa Lebeis, fisioterapeuta.
- Miguel Cardoso do Lago, é professor de Educação Física.
- Sonia Magali Martelo, ex-funcionária da ESEF, aposentou-se na ESEF, onde ficou até setembro de 2011. É formado em Educação Física e pós-graduada em Marketing.
- Teresa Leitão, professora da ESEF e da Prefeitura (sec. Adj. de Esportes), ex-vice diretora da ESEF.
- Evandro Grioles, coordenador do Colégio Divino Salvador.
- Renato Nalini, desembargador.

## Colaboradores do Livro 40 anos

- Adriano Celante
- Augusta Cristina Felix
- André Barros
- Daniel Rodrigues Poit Filho
- Davi Rodrigues Poit
- Eliana de Souza
- Fernando Balbino
- José Antonio Galego
- Luciana Baldo
- Mônica Barros
- Ricardo Manacero
- Rita de Cássia Bertolino
- Vitor Fontana





*"Hoje a escola já tem núcleos de pesquisa e vários projetos com a comunidade. Temos 500 senhoras que fazem hidroginástica, projeto com o Lar Anália Franco, Casa Transitória, Pastoral das Crianças. São inúmeras atividades como dança, terceira idade, musculação.*

*"O que torna uma escola verdadeira? As pessoas que estão ali dentro, que tem uma jornada de trabalho. E hoje os professores têm uma jornada de 20 horas ou mais.*

*"Na ESEF, o aluno sai preparado para o mercado de trabalho. Destaco um depoimento de uma aluna que veio de Portugal terminar o curso aqui. Ela dizia que lá, o aluno saía inseguro, com medo de atuar e na ESEF, o estudante formava-se tendo tido várias experiências, estágios, inclusive remunerados e envolvimento com a comunidade. A escola tem essa preocupação com a formação e qualidade do professor.*

*(Fernando Balbino)*



# Relação dos 155 professores (as) em 40 anos de história

(Ordem alfabética)

Adriano Rogério Celante  
Afonso Antonio Machado  
Alaércio Borelli  
Alceu Eder Massucato  
Alessandro Hervaldo Nicolai Ré  
Alessandro Tosim  
Alex Natal Sobrinho  
Antonio Augusto de Carvalho  
Antonio Carlos Farcic  
Antonio Carlos Nasi  
Antonio de Pádua Báfero  
Antonio Luiz Amadesi Gomes  
Antonio Luiz Cury de Mello  
Arcilio Tavares  
Armando Henrique Potente  
Atílio Denardi Alegre  
Bettina Ursula W. Ried  
Brasil Campos Junior  
Carlos Alberto Serafim  
Carlos Augusto Mota Calabresi  
Carlos Catalano Calleja  
Carlos Roberto Luz  
Cassio Jugurtha Fraga  
Ciro Winckler de Oliveira Filho  
Claudio Manuel Horta Duque  
Cleuza Maria de Almeida  
Clovis Nascimento  
Cristiane Machado  
Daniel Presoto  
Dante de Rose Junior  
Davi Rodrigues Poit  
Diná Teresa Ramos de Oliveira  
Edison Tayar  
Eduardo Vinícius Mota e Silva  
Elenir Vasconcellos  
Eliana de Lucca  
Elza Marina Mazzei Adolpho  
Enio Aparecido Lotierzo  
Eurico Alonço Malagodi  
Evaldo Marchi  
Evandro José Segura Y Grioles  
Fabiana Spina Martinelli  
Felizardo Costa Brandão  
Fernanda Vieira Merida  
Fernando Augusto Brochado  
Fernando Balbino  
Fernando Cesar Gouvea  
Fernando Max Lima da Conceição  
Flávia Maria Serra Ghirrotto  
Flavio Berthola Facca  
Francisco Manoel Netto Soares  
Francisco Rodrigues de Paula Junior

Glydiston Egberto de Oliveira Ananias  
Graciele Massoli Rodrigues  
Hélio José Maffia  
Hélio Rubens Betteli  
Helton Luiz Aparecido Defino  
Isabel Cristina Rossi Mazone  
Itibagi Rocha Machado  
Ivan Cação  
João Celso Fares Perez  
João Claudio Anveres Nogueira dos Reis  
João Francisco Braz  
João Paulo Subirá Medina  
José Alfredo Andrade Vieira  
José Antonio Galego  
José Ari Carletti de Oliveira  
José Braulio Rosa Arruda  
José Carlos Bissoli  
José Geraldo Romanello Bueno  
José Júlio Gavião de Almeida  
José Lúcio Martins Machado  
José Luiz Moraes  
José Pedro Dias Júnior  
José Renato Nalini  
José Roberto Borsari  
Juliana Bárbara Camargo Campos Gil  
Jurandir lenne  
Kurt Kloetzel  
Laurizete Ferragut Passos  
Leonel Bonassi Machado  
Leonice Aparecida Doimo  
Lia Mara Rossi Ferragut  
Lilian Aparecida Ferreira  
Lilian Aparecida Marquione Siqueira  
Luciano Alegretti Mercadante  
Luis Carlos Batista  
Luis Felipe Milano Teixeira  
Luiz Carlos Brollo  
Luiz Alberto Lorenzetto  
Luiz Antonio Trientini  
Luiz Philippe Westin Cabral de Vasconcellos  
Luiz Roberto Innocente  
Luiz Vicentini  
Marcelo Conte  
Marcelo Renata Guerino  
Maria Aparecida Mezzalira Gomes  
Maria Bernadete Rosa  
Maria Carolina Pedroso Scoz  
Maria Cesarina Gandara Barbosa Santos  
Maria Cristina Dal Pozzo Arzolla  
Maria José de Oliveira Santos  
Maria Lucia Faria de Barros  
Maria Teresa Krahenbuhl Leitão

Maria Thereza Welker de Azevedo Genovez  
Marísia Aparecida Lepri Lebeis  
Miguel Cardozo do Lago  
Milton Cesar Prado da Silveira  
Naércio Correia dos Santos  
Nassib Cury  
Nestor José Mostério  
Norberto Rodrigues de Paula Junior  
Nurimar Valsecchi  
Olival Cardoso do Lago  
Orlando Sebastião Garcia  
Pedro Rocha Lemos  
Ramiro Antonio Enrique Antezana Urquidi  
Renata Costa Toledo Russo  
Renata Elsa Stark  
Renata Landucci Ortale  
Renata Rodrigues Miquelletto  
Rita de Cássia Orsi  
Roberta Cortez Gaio  
Roberto de Araújo Cintra Junior  
Rogério Cecatti Bissoli  
Romeu Rodrigues de Souza  
Roseli Aparecida Pereira  
Roseli Rosangela Tavares  
Sara Maria Thomazzi  
Sergio Paulo Teixeira Pombo  
Sidimar Lucato  
Sidney Antonio Pires  
Sidney Netto  
Silvia Tayar  
Silvio Silva Sampaio  
Silvio Silva Sampaio  
Stefano Bigotti  
Takeshi Saito  
Tatiana Passos Zylberberg  
Tirço José Merluzzi Filho  
Tirço José Merluzzi Filho  
Vagner Roberto Bergamo  
Valmir Renê Sala  
Vanda Regina de Almeida  
Vanderlei Seregati  
Vanor Wagner Rezende  
Vanor Wagner Rezende  
Vera Regina Toledo Camargo  
Vicente Genovez  
Vinícius Barroso Hirota  
Vitório Angelo Durigati  
Wagner Roberto da Silva  
Waldemir Washington Rezende  
Wilson Ytiro Kaetsu  
Zélia dos Santos

# Relação dos 118 servidores em 40 anos de história

(Ordem alfabética)

Adenilton Roberto dos Santos  
Aiko Shibukawa Martins  
Alessandra Regina Marranho  
Alzira Aguilera Araújo  
Ana Carolina Fontanelli  
Ana Cecília Rocha de Melo  
Anderson Magno Martins dos Santos  
Anésio Felipe da Silva  
Angela Molina Trajano de Moraes Costa  
Angelo Domingues Izidoro  
Antenor Felisberto  
Antonio Gottardi  
Augusta Cristina Felix  
Aurice Maria Lopes  
Benedito Aparecido Fiorante Sette  
Carina Cristina Narcizo  
Célia Aparecida Simão Silva  
Célia Sakai  
Cesar Renato Tavares de Oliveira  
Cidineia Coutinho da Silva Mendonça  
Claudio Roberto Lazaro  
Cristina Aparecida Pansarim  
Daniela Fernanda Bodo  
Danielle Tega  
Delma Castro Magalhães  
Domingos José da Silva  
Eduardo Guedes Daguani  
Eliana de Souza  
Elísia Tejima Oda  
Érica Kelementi Biondi  
Eva Maria da Costa  
Fábio Zális Rosa  
Glauce Sayuri Maçonato  
Henrique José Bocanera  
Idália Maria Barbosa Silva  
Irailda Vieira de Barros Ramos  
Irene Aguilera Araujo Espírito Santo  
Irineu Bulisani  
Irmo de Paula  
Isaac Lourenço Buhnemann

Itamar dos Santos Vital  
Ivanize Albuquerque Marques  
Jair Sebastião de Souza Júnior  
Janete Alves dos Santos Schiavo  
Jessica Sanches  
Jordania Sousa Rodrigues  
Jorge Luiz Ramos  
José Aparecido Corrêa Leite  
José Aprígio da Silva  
José Carlos Gonfinate  
José Heraldo Salles  
José Mário Bianchi  
Julieta Pereira da Silva Santana  
Julio Cesar da Silva  
Kauê Ricardo Tedesco da Silva  
Leila Lúcia Carbonari  
Ligia Garcia Pereira da Costa  
Luciana Avila  
Luciana Baldo  
Luciana de Cássia Perini  
Luis Felipe Araújo  
Luiz Antonio Pinto  
Luiz Antonio Romani  
Manoel Aparecido de Góes  
Marcia Ardília Prandini  
Marco Alberto Tavares de Oliveira  
Marcos Francisco Donizetti Cerachiani  
Margô Aparecida Alves da Silva  
Maria Adalgiza Barreto  
Maria Aparecida Rosa Preto  
Maria Aparecida Rufino Mendes  
Maria Aparecida Vasconcellos  
Maria Aparecida Vaz  
Maria Celia Maso  
Maria das Graças Passos  
Maria das Mercês Galvão Silva  
Maria de Fátima Alves Maia  
Maria Dias Seregati  
Maria Douralice Lima Valeriano de Souza  
Maria Ione de Castro Matheus

Maria Regina de Oliveira  
Maria Zenilda Gomes  
Mariza de Souza  
Marlete Cardoso de Carvalho  
Marta Regina Matheus  
Michelle de Fátima Gaiotto Pinto  
Muriel Teciane Thomazine  
Neuza Aparecida da Cruz Rosa  
Olival Cardoso do Lago  
Pedro Messias  
Priscila Rodrigues Fernandes  
Regilda Clemenche  
Renilda Aroucha do Nascimento Ribeiro  
Ricardo Alves Manacero  
Ricardo Cavalcante  
Ricardo Fraulo  
Ricardo Linhares Arruda  
Rita de Cássia Bertolino  
Rita de Cássia Leme  
Rosalina Maria de Góes  
Rosana dos Santos Pereira Leite  
Rose Mary Aparecida Antunes  
Rosemary Antonia Lenne  
Sandra Regina Figueira  
Sérgio Togni de Almeida  
Sílvia Eli Beltrami da Costa Marques  
Sílvia Elizabete Arvigo  
Sílvia Rodrigues Telles  
Sílvio Ceolin  
Sonia Aparecida de Souza  
Sonia Magali Martelo  
Sueli da Costa Brandão  
Ubiratan da Silva Castro  
Valdemar Constantino  
Valdete Pereira da Silva  
Vania Lucia Ferreira  
Vicente Jacó da Silva  
Vili Bussiweg

# HINO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE JUNDIAÍ

Letra e música de: A. Julião R. Maques e Suzana M. S. Marques

1 Adim G Am G Am  
Erguida em colina verde-

6 G Am G Am  
jan - te, ao som d'aurora luzdo arrebol. És templo és glóriaés sabedor - a, en-

11 Gm G E  
si-nas o labor de sol a so - ol. Discípulos e-ter-nos timonei - ros, com ardor ju - ve-  
RIM

16 Am A dim G A G 1.  
nil, Educandog corpo, com mente sadia, para a glória do Brasil Er -

21 2. C Am C Dm  
Oh, estrela ra - dio - sa \_\_\_\_\_, Ho-sa-na en - toas a brincar \_\_\_\_\_, Oh, cruzeiro re-lu-

26 Am C  
zen - te \_\_\_\_\_, ra - io de luz num altar, Oh, juventude gar-bo - sa \_\_\_\_\_,

31 C A F G  
a - pren-de pa-ra ensinar \_\_\_\_\_, que quando a mente é sã o cor-po é pu-ro pa-ra a -

36 C F  
mar \_\_\_\_\_, que quando a men - te é sã o cor - po é

39 B  
pu - ro pa - ra a - mar! E - SE - F és a es-pe -

42 Em B  
ran - ça. Sen - ti - mos or - gulho de ti \_\_\_\_\_ . És

45 E Am Em B Em D D.C  
al - ma desta juven - tu - de que ha - bi - ta Jun - dia - í! Er -



